

GLAURA:
POEMAS EROTICOS,

DE

MANOEL IGNACIO DA SILVA
ALVARENGA,

*Bacharel pela Universidade de Coimbra,
e Professor de Rhetorica no
Rio de Janeiro.*

NA ARCADIA,

ALCINDO PALMIRENO:



LISBOA:

NA OFFICINA NUNESIANA,
ANNO M. DCC. XCIX.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço

A
B869.12
A473
1. ed.
1799

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 1342

do ano de 1974

AVISO DO EDITOR.

Persuadido de que o Público estimará os Poemas Eroticos , que lhe offereço , me resolvi a pôr na frente o nome do Poeta para satisfazer á curiosidade dos Leitores. Esta liberdade , que tomei , poderá offender a hum Amigo , que me confiou , como em segredo , a sua Obra ; mas eu tive justos motivos , que me hão de desculpar , esperando , que o acolhimento das pessoas intelligentes lhe será de mais pezo , do que os vãos effeitos de huma delicadeza demasiada. Assim podesse eu dar á luz outras muitas Composições , que vi , do mesmo Auçtor , e que provavel mente serão victimas do seu desgosto !

GLAURA:
POEMAS EROTICOS
DE HUM AMERICANO.

*Carminibus quæro miserarum ob-
livia rerum :*

*Premia si studio consequar ista
sat est.*

Ovid.

Χαίροιτε λοιπόν ἡμῖν

Ἡρώεζ' ἡ λυρή γὰρ

Μοῦθος Ἐρμῆος ὑδαί.

Ἀγακρεόν;

Adeos, ó Heróes; que em fim

Nas cordas da doce Lyra

Só respira o terno Amor.

Anacreante.



GLAURA:
POEMAS EROTICOS.



ANACREONTE.

84

Rondó I.

*D*E teu canto a' graça pura,
E a ternura não consigo;
Pois comigo a doce Lyra
Mal respira os sons de Amor,

Quando as cordas lhe mudaste,
O' feliz Anacreonte,
Da Meónia viva fonte
Esgotaste o claro humor.

O ruído lisongeiro
Dessas agoas não escuto,
Onde geme dado a Pluto
O grosseiro habitador.

*De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo;
Pois comigo a doce Lyra
Mal respira os sons de Amor,*

Neste bosque desgraçado
Móra o Odio, e vil se nutre
Magra Inveja, negro Abutre
Esfaimado, e tragador.

Não excita meus affectos
Gnido, Paphos, nem Cythéra:
Vejo a Serpe, ouço a Panthéra...
Oh que objectos de terror!

*De teu canto a graça pura ,
E a ternura não consigo;
Pois comigo a doce Lyra
Mal respira os sons de Amor.*

*Cruel setta passadora
Me consome pouco a pouco ,
E no peito frio , e rouco
A alma chora , e cresce a dôr.*

*Surda morte nestes ares
Enlutada , e triste vejo ,
E se entrega o meu desejo
Dos pezares ao rigor.*

*De teu canto a graça pura ,
E a ternura não consigo;
Pois comigo a doce Lyra
Mal respira os sons de Amor.*

Dos Heróes te despediste ;
Por quem Musa eterna sôa ;
Mas de flores na corôa
Inda existe o teu louvor.

De agradar-te sou contente:
Sacro Loiro não me inflamma ;
Da Mangueira (*) a nova rama
Orne a frente do Pastor.

*De teu canto a graça pura ,
E a ternura não consigo ;
Pois comigo a doce Lyra
Mal respira os sons de Amor.*

A

(*) Alta, e muito copada Arvore de excellentes pômos do Brasil.



A LUZ DO SOL.

Rondó II.

Luz do Sol, quanto és formosa,
Quem te goza não conhece;
Mas se desce a noite fria,
Principia a suspirar.

Quando puro se derrama
Vivo ardor no ameno prado,
Pelas brenhas foge o gado
Verde rama a procurar,

E se o Astro luminoso
Deixa tudo em sombra fusca,
Triste então o abrigo busca
Vagaroso a ruminar.

*Luz do Sol, quanto és formosa,
Quem te goza não conhece;
Mas se desce a noite fria,
Principia a suspirar.*

Lavrador, que afflicto, e velho
Abre o campo endurecido,
Ver deseja sobmergido
O vermelho Sol no mar.

E se o humido negrume
Tolda os Ceos, e os valles banha,
Fita os olhos na montanha,
Onde o lume vê raiar.

*Luz do Sol, quanto és formosa,
Quem te goza não conhece;
Mas se desce a noite fria,
Principia a suspirar.*

Pela tarde mais ardente
O Pastor estima as grutas ,
Onde penhas nunca enxutas
Vê contente gotejar.

E se as trevas no horizonte
Defenrolão negro manto ,
Com saudoso , e flebil canto
Faz o monte resonar.

*Luz do Sol , quanto és formosa ;
Quem te goza não conhece ;
Mas se desce a noite fria ,
Principia a suspirar.*

Affim Glaura , que inflammada
Perseguido Aves ligeiras ,
Quer á sombra das Mangueiras
Descançada respirar.

Entre Risos , entre Amores ,
Se lhe falta o dia , chora ,
E vem cedo a ver a Aurora
Sobre as flores orvalhar.

*Luz do Sol , quanto és formosa ,
Quem te goza não conhece ;
Mas se desce a noite fria ,
Principia a suspirar.*



O CAJUEIRO.

Rondó III.

Cajueiro desgraçado ,
A que Fado te entregaste ,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura , e sem senhor.

No teu tronco pela tarde ,
Quando a luz no Ceo desfamaia ,
O novillo a testa enfaia ,
Faz alarde do valor.

Para fructos não concorre
Este valle ingrato , e fêcco
Hum se enruga murcho , e pêco ;
Outro morre ainda em flor.

*Cajueiro desgraçado ,
A que Fado te entregaste ,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura , e sem senhor !*

Vês nos outros rama bella ;
Que a Pomóna por tributos
Offerece doces frutos
De amarella , e rubra cõr ?

Ser copado, ser florente
Vem da terra preciosa;
Vem da mão industriosa
Do prudente Agricultor.

*Cajueiro desgraçado,
A que Fado te entregaste;
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura, e sem senhor!*

Fresco orvalho os mais sustenta
Sem temer o Sol activo;
Só ao triste semivivo
Não alenta o doce humor.

Curta folha mal te veste
Na estação do lindo Agosto,
E te deixa nú, e exposto
Ao celeste intenso ardor.

*Cajueiro desgraçado,
A que Fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura,
Sem cultura, e sem senhor!*

Mas se esteril te arruinas,
Por destino te conservas,
E pendente sobre as hervas
Mudo ensinas ao Pastor.

Que a Fortuna he quem exalta,
Quem humilha o nobre engenho:
Que não vale humano empenho,
Se lhe falta o seu favor.

*Cajueiro desgraçado,
A que Fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura, e sem senhor!*



O P O M B O .

Rondò IV.

O Meu Pombo, a quem amava,
 Igualava ao branco arminho:
 Do seu ninho (oh desventura!)
 Que mão dura o foi roubar?

Na manhã clara, e serena,
 Se o achava dormitando,
 O seu somno doce, e brando
 Tinha pena de turbar.

Que faudade me consome!
 Ai de mim! Se me sentia,
 O biquinho logo abria
 Para a fome faciar.

*O meu Pombo , a quem amava ,
Igualava ao branco arminho :
Do seu ninho (oh desventura !)
Que mão dura o foi roubar ?*

Era manso , era amoroso ,
E as caricias conhecendo ,
Desejava estremecendo
Ser mimoso em agradar.

O receio já preságo
Me dizia na floresta ,
Que o tornasse pela festa
Com affago a visitar.

*O meu Pombo , a quem amava ;
Igualava ao branco arminho :
Do seu ninho (oh desventura !)
Que mão dura o foi roubar ?*

Glaura, oh Ceos! porque cedeste
A meus rogos? dize agora,
„ Pobres dons d' hũa Pastora
„ Não quizeste conservar!

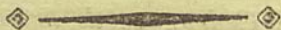
Esta magoa me atormenta,
E não fei como inda vivo;
Pois se busco lenitivo
Mais se augmenta o suspirar.

*O meu Pombo, a quem amava,
Igualava ao branco arminho:
Do seu ninho (oh desventura!)
Que mão dura o foi roubar?*

Não me alega o doce encanto,
Nem affino a curva Lyra
Tudo lento, e tudo inspira
O meu pranto, o meu pezar.

O destino por piedade
 Me converta em pura fonte,
 Porque possa neste monte
 A fauda eternizar.

O meu Pombo, a quem amava,
 Igualava ao branco arminho:
 Do seu ninho (oh desventura!)
 Que mão dura o foi roubar?



A SERPENTE.

Randó V.

V Erde Cedro, verde arbusto,
 Que o meu susto, e prazer vistes,
 Vamos tristes na memoria
 Essa historia renovar.

Este o valle, he esta a fonte:
 Glaura achei aqui dormindo:
 Sonha a'egre, e se está rindo,
 E eu defronte a suspirar.

Junto della pavoroso,
 Vi, oh Ceos! monstro enrolado,
 Féro, enorme, atroz, manchado,
 E escamoso scintillar.

*Verde Cedro, verde arbusto,
 Que o meu susto, e prazer vistes,
 Vamos tristes na memoria
 Essa historia renovar.*

Ardo, e tremo, e louco amante
 Mil horrores n'alma pinto:
 Vou..., receio..., ah que me sinto
 Vacilante desfaiar.

Vence Amor: (doce ternura!)
Tomo a Nynfa nos meus braços:
Elle aperta os novos laços,
E assegura o tryunfar.

*Verde Cedro, verde arbusto,
Que o meu susto, e prazer vistes,
Vamos tristes na memoria
Essa gloria renovar.*

Em si mesma se embaraça
A serpente enfurecida;
Ergue o cóllo, e attrevida
Ameaça a terra, e o ar.

N'hũa pedra rude, e feia
Já lhe envio a morte affoita;
Já co' a cauda o tronco agoita,
Morde a areia a o espirar.

*Verde Cedro, verde arbusto,
Que o meu susto, e prazer vistes,
Vamos tristes na memoria
Essa historia renovar,*

Venturoso, e fatisfeito,
„ Glaura bella, (então dizia)
„ Vê de amor, e de alegria
„ O meu peito palpar.

Ella em mim buscando arrímo,
Córa, e diz inda assustada,
„ Esse puro ardor me agrada,
„ Eu te estimo, e te hei de amar,

*Verde Cedro, verde arbusto,
Que o meu susto, e prazer vistes,
Vamos tristes na memoria
Essa historia renovar,*



A P R A I A .

Rondó VI.

*Q*uem por ti de amor desmaia ,
Nesta praia geme , e chora :
Vem , Pastora , por piedade
A saudade consolar.

Não recreão sempre os montes
Co' as delicias de Amalthéa ;
Vem , ó Glaura , a ruiva arêa ,
Rio , e fontes animar.

Nynfa ingrata , não te escondas ;
Teme os asperos abrolhos ;
E com teus serenos olhos
Vem as ondas acalmar.

Quem

*Quem por ti de amor desfmaia ,
Nesta praia geme , e chora :
Vem , Pastora , por piedade
A saudade consolar.*

Mergulhão verás ligeiro ,
Como cahe precipitado ,
E o peixinho prateado
Leva inteiro a devorar.

Vem , cruel , não te detenhas ,
Não me roubes a ventura ;
Vem , que já com mais brandura
Estas penhas lava o mar.

*Quem por ti de amor desfmaia ,
Nesta praia geme , e chora :
Vem , Pastora , por piedade
A saudade consolar.*

N'hum rochedo vi dois ninhos ;
Já são teus effes penhores ;
E entre conchas , entre flores
Os Pombinhos has de achar.

Murcharão os dons mais bellos
Da suave Primavera ,
Se não vens , ó dura , e fera
Teus cabellos enlaçar.

*Quem por ti de amor desfmaia ,
Nesta praia geme , e chora :
Vem , Pastora , por piedade
A saudade consolar.*

Vem a ver este remanso ,
Estas arvores sombrias ,
Onde , ai ! triste , ai ! longos dias ,
Não descanso de esperar.

Se o amar te foi delicto,
 E te agrada o meu tormento;
 Vem ouvir o meu lamento,
 Meu afflicto suspirar.

*Quem por ti de amor desfmaia,
 Nesta praia geme, e chora.
 Vem, Pastora, por piedade
 A saudade consolar.*



O BEIJA-FLOR.

Rondó VII.

DEixo, ó Glaura, a triste lida
 Submergida em doce calma;
 E a minha alma ao bem se entrega
 Que lhe nega o teu rigor.

Neste bosque alegre, e rindo
Sou amante afortunado ;
E desejo fer mudado
No mais lindo Beija-flor.

Todo o corpo n'hum instante
Se atenúa, exhála, e perde:
He já de oiro, prata, e verde
A brilhante, e nova côr.

*Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma ;
E a minha alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.*

Vejo as pennas, e a figura,
Provo as azas, dando gyros ;
Acompanháome os suspiros,
E a ternura do Pastor.

E n'hum vôo feliz ave
Chego intrepido até onde
Riso, e perolas esconde
O suave, e puro Amor.

*Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minha alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.*

Tóco o néctar precioso,
Que a mortaes não se permite;
He o insulto sem limite,
Mas ditoso o meu ardor.

Já me chamas atrevido,
Já me prendes no regaço:
Não me assusta o terno laço,
He fingido o meu temor.

*Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minha alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.*

Se disfarças os meus erros,
É me soltas por piedade;
Não estimo a liberdade,
Busco os ferros por favor.

Não me julgues innocente,
Nem abrandes meu castigo;
Que sou barbaro inimigo,
Insolente, e roubador.

*Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minha alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.*



A LEMBRANÇA SAUDOSA.

Rondó VIII.

*C*onservai, musgosas penhas,
 Nestas brenhas minha gloria;
 E a memoria, que inda existe,
 Torne hum triste a consolar.

Repousavas, Glaura, hum dia
 Neste leito de verdura,
 E esta fonte bella, e pura
 Mal se ouvia murmurar.

Eu vi Zefiro saudoso,
 Pelas Nynfas conduzido,
 Sobre as azas suspendido
 Amoroso respirar.

*Conservai , musgosas penbas ,
Nestas brenbas minha gloria ;
E a memoria , que inda existe ,
Torne hum triste a consolar .*

Vi mil candidos Amores ,
E mil Risos namorados ,
Da Mangueira pendurados
Lindas flores desfolhar .

Os hirsutos Faunos broncos ,
A quem move tal portento ,
Reprimindo o tardo alento
Pelos troncos vi trepar .

*Conservai , musgosas penbas ,
Nestas brenbas minha gloria ;
E a memoria , que inda existe ,
Torne hum triste a consolar .*

Deo-me o prado florecente
Goivos, murta, roza, e lyrio;
Venho, ó Ninfa, em meu delirio
Tua frente a corcar.

Sem rumor com fusto chego...
Géla o sangue... já não pulsa,
Nem se atreve a mão convulsa
Teu focego a perturbar.

*Conservai, musgosas penhas,
Nestas brenhas minha gloria;
E a memoria, que inda existe,
Torne hum triste a consolar.*

De ternura, amor, e gosto
Entre o timido embarço,
Fiquei mudo longo espaço
No teu rosto a contemplar.

Mas as lagrimas poderão
Illudir o meu receio,
E cahindo no teu feio
Te fizerão despertar.

*Conservai, musgosas penhas,
Nestas brenhas minha gloria;
E a memoria, que inda existe,
Torne hum triste a consolar.*



O BEIJA-FLOR.

Rondó IX.

*B*eiça-flor fui amoroso,
 E ditoso já me viste;
 Hoje he triste, e desgraçado
 O sonhado Beiça-flor.

Mal toquei, ó Glaura bella,
 (De prazer eu me confundo)
 Nesse cravo rubicundo,
 Que ama, e zéla o mesmo Amor.

No teu puro, e brando seio
 Por castigo me encerravas;
 Eu me ria, e tu pensavas
 Ver-me cheio de temor.

Bei-

*Beija-flor fui amoroso ,
E ditoso já me viste ;
Hoje he triste , e desgraçado .
O sonhado Beija-flor .*

Minha voz não entendeste ;
E querendo ver-me afflicto ;
Por vingança d' hum delicto
Me fizeste o bem maior .

A prizão , em que me via ;
Era o templo da ternura ;
Onde em braços da Ventura
Não temia o teu rigor .

*Beija-flor fui amoroso ;
E ditoso já me viste ;
Hoje he triste , e desgraçado
O sonhado Beija-flor .*

Alva mão ... eu me entorneço!
Tua mão me arranca as pennas;
A servirte me condenas;
He sem preço o teu favor.

Mas tu foges rigorosa,
E eu não vôo... que martyrio!
Nem procuro o branco Lyrio,
Nem da rosa a viva côr.

Beija-flor fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje he triste, e desgraçado
O sonhado *Beija-flor*.

Ir ccontigo só desejo;
Es cruel... cruel me agradas;
Choro as pennas arrancadas,
E em mim vejo o teu Pastor.

Ah que eu morro de faudade,
E te dizem meus gemidos,
Que os prazeres são fingidos,
E he verdade a minha dor.

*Beija-flor fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje he triste, e desgraçado
O sonhado Beija-flor.*

◆ ————— ◆

O AMANTE INFELIZ.

Rondó X.

G Laura! Glaura! não respondes?
 E te escondes nestas brechas?
 Dou ás penhas meu lamento;
 O' tormento sem igual!

Ao Amor cruel, e esquivo
 Entreguei minha esperança,
 Que me pinta na lembrança
 Mais activo o féro mal.

Não verás em peito amante
 Coração de mais ternura;
 Nem que guarde fé mais pura,
 Mais constante, e mais leal.

Glau-

*Glaura! Glaura! não respondes?
E te escondes nestas brenhas?
Dou ás penhas meu lamento;
O' tormento sem igual!*

Se não vens, porque te chamo;
Aqui deixo junto ao Rio
Estas perolas n'hum fio,
Este ramo de coral.

Entre a murta, que se enlaça
Com as flores mais mimosas,
Acharás purpureas rofas
N'hũa taça de cristal.

*Glaura! Glaura! não respondes?
E te escondes nestas brenhas?
Dou ás penhas meu lamento;
O' tormento sem igual.*

Vejo turvo o claro dia;
 Sombra feia me acompanha;
 Não encontro na montanha
 A alegria natural.

Tanto a magoa me importuna,
 Que o viver já me aborrece;
 Para hum triste, que padece,
 He fortuna o ser mortal.

*Glaura! Glaura! não respondes?
 E te escondes nestas brenhas?
 Dou ás penhas meu lamento;
 O' tormento sem igual!*

Onde estou? troveja... o raio...
 Foge a luz... os arvoredos...
 Abalados os rochedos...
 Já desfmaio... ó dor fatal.

Ninfa ingrata, esta victoria
Alcançárão teus retiros;
Leva os ultimos suspiros
Por memoria triumphal.

*Glaura! Glaura! não respondes?
E te escondes nestas brenhas?
Dou ás penhas meu lamento;
O' tormento sem igual.*



O JASMINEIRO.

Rondò XI.

V Entroso Jasmineiro,
 Sobranceiro ao claro Rio,
 Já do Estío o ardor se acende;
 Ah! defende este lugar.

Ache Glaura na frescura
 Destas penhas encurvadas
 Molles héras abraçadas
 Com ternura a vejetar.

Ache mil, e mil Napéas,
 E inda mais, e mais Amores,
 Do que mostra o campo flores;
 Do que aréas tem o mar.

Vers.

*Venturoso Jasmineiro ,
Sobranceiro ao claro Rio ,
Já do Estio o ardor se acende ,
Ab! defende este lugar.*

Branda Ninfa , que me escutas
Desse monte cavernoso ,
Nem o raio luminoso
Nestas grutas possa entrar.

Has de ver com dôr , e espanto ,
Como pallida a Tristeza
Dos feixinhos na aspereza
Faz meu pranto congelar.

*Venturoso Jasmineiro ,
Sobranceiro ao claro Rio ,
Já do Estio o ardor se acende ,
Ab! defende este lugar.*

Glaura bella, que resiste
Aos rigores da faudade,
Veja em muda soledade
Soño triste bocejar.

Sobre o musgo em rocha fria
Adormeça ao som das agoas,
E sonhando injustas magoas,
Chegue hum dia a suspirar.

*Venturoso fasmineiro,
Sobranceiro ao claro Rio,
Já do Estio o ardor se acende,
Ab! defende este lugar.*

Com seus olhos Glaura inflamme
Os desejos namorados,
Que em abelhas transformados,
Novo enxame cubra o ar.

Vinde abelhas amorosas ,
Sem temer o meu desgosto ,
Doce nectár no seu rosto
Entre rosas procurar.

*Venturoso Jasmineiro ,
Sobranceiro ao claro Rio ,
Já do Estio o ardor se acende .
Ab! defende este lugar.*



A N A P E ' A .

*Rondó XII.**Pastor.*

N ão dou fim a meu tormento ,
 Nem o alento se restaura ,
 Sem ver Glaura nos meus braços ,
 Onde os laços tece Amor.

Napéa.

Fuja a vã melancolía ,
 E da morte a imagem fea ;
 Que piedosa Cytheréa
 Te anuncia o seu favor.

Jura Venus pelo Estygio,
Que has de ser entre os Pastores
Mais feliz nos teus amores,
Doque o Phrygio roubador.

Pastor:

*Não dou fim a meu tormento;
Nem o alento se restaura,
Sem ver Glaura nos meus braços;
nde os laços tece Amor.*

Napéa.

Dos penedos a dureza
Céde á fonte, que murmura:
Nascerá doce ternura
Da fereza, e do rigor.

Abre a terra vagaroso,
Soffre a calma sem abrigo,
E esperando ceifa o trigo
Venturoso Lavrador.

Pastor.

*Não dou fim a meu tormento,
Nem o alento se restaura,
Sem ver Glaura nos meus braços,
Onde os laços tece Amor.*

Napéa.

Pouco durão os tributos,
De que o campo faz alarde;
E o que pende, e vem mais tarde,
He dos fructos o melhor.

Não se atêa o vivo fogo,
Nem se nutre em lenho verde;
N'hum instante as chammas perde,
Morre logo o seu vigor.

Pastor.

*Não deu fim a meu tormento,
Nem o alento se restaura,
Sem ver Glaura nos meus braços,
Onde os laços tece Amor.*

Napéa.

Ella já te corresponde
Em segredo carinhosa;
Mas prudente, e receosa
N'alma esconde o puro ardor.

Triste, e só teu nome beija
Nesta gruta, que a convida;
Chora, e geme, e enternecida
Vêr deseja o seu Pastor.

Pastor.

*Fá dou fim a meu tormento,
Fá o alento se restaura:
Vem, ó Glaura, que em meus braços
Firmes laços rece Amor.*



A P O M B A.

*Rondó XIII.**Pombo.*

Bella Pomba os dias crescem,
Apparecem já mil flores,
E os penhores ver espero
Do sincero nosso amor.

Pastor.

Oh feliz enamorado,
Como es livre da desgraça!
D' hora em hora mais te enlaça
Doce agrado, e novo ardor.

A consorte , (que ventura !)
 Acompanhas meigo , e rico ;
 Que ás palhinhas no teu bico
 A ternura dà valor.

Pombo.

*Bella Pomba , os dias crescem ;
 Aparecem já mil flores ,
 E os penhores ver espero
 Do sincero nosso amor.*

Pastor.

Preciosa lealdade
 Sem repudios , sem queixumes ,
 Sem desgostos , nem ciumes ,
 Nem faudade , nem temor !

A Fortuna te proteja ,
 Apartando os tristes lutos :
 Teus implumes tenros fructos
 Nunca veja o caçador.

Pombo.

*Chara Pomba, os dias crescem;
Apparecem já mil flores,
E os penhores ver espero
Do sincero uosso amor.*

Pastor.

*Na Mangueira fazem ninho:
Vês, ó Glaura, lá voltarão;
Forão juntos, e poufárão
No raminho superior.*

*Elles tornão: par ditoso!
Dize, ó Nynfa; não te agrada
Ver a Pomba acompanhada
Do amoroso rolador?*

Pomba.

*Bella Pomba os dias crescem ;
 Apparecem já mil flores ,
 E os penhores ver espero
 Do sincero nosso amor.*

Pastor.

*Innocente idade antiga ,
 Tu fugiste dos humanos ;
 E deixaste a magoa , os danos ,
 E `a fadiga , e o rigor !*

*Ah ! se o Ceo te convertêra ,
 Nynfa ingrata , em Pomba amante ;
 Eu... (que gôlto !) hum só instante
 Não quizera ser Pastor.*

Pombo.

*Chara Pomba , os dias crescem ;
 Aparecem já mil flores ,
 E os penbores ver espero
 Do sincero nosso amor.*



O AMOR ARMADO.

Rondó XIV.

*G*ira Amor feroz , e armado
 Neste prado , e valle , e serra :
 Tudo he guerra , e com seus tiros
 Mil suspiros já causou.

Entre miseras affrontas
 Pendurou n'hum tronco a aljava ;
 Pois das settas , que estimava ,
 Glaura as pontas lhe quebrou.

Por vingar-se desta injuria
Triste emprega ferro , e fogo ;
Mas ao ver-me o impio logo
Mágoa , e furia disfarçou.

*Gira Amor feroz , e armado
Neste prado , e valle , e serra :
Tudo he guerra , e com seus tiros
Mil suspiros já causou.*

Meu soccorro , e meu desenho
Brando pede , e humilde approva :
Com vaidade em setta nova
Meu empenho se esmerou.

Tinha a ponta aguda , e forte ,
E tres farpas bem polidas ,
Negras pennas embutidas ,
De que a Morte se assultou.

*Gira Amor feroz, e armado
 Neste prado, e valle, e serra:
 Tudo he guerra, e com seus tiros
 Mil suspiros já causou.*

Dei-lhe o aço luminoso,
 E o traidor louvar-me finge:
 Em cruel peçonha o tinge,
 E aleivoso assim fallou.

„ Fico alegre, e satisfeito...
 „ Oh que setta! vê, se he boa:
 Curva o arco, a setta vôa,
 E o meu peito traspassou.

*Gira Amor feroz, e armado
 Neste prado, e valle, e serra:
 Tudo he guerra, e com seus tiros
 Mil suspiros já causou.*

Em tormentos, e pezares
Exclamei, quando cahía:
Glaura...! Amor...! o Amor se ria,
E dos ares me bradou.

„ O Vesuvio não se apaga:
„ Ser ditoso mereceste:
„ Do farpão, que me fizeste,
„ Leva a paga, que te dou.

*Gira Amor feroz, e armado
Neste prado, e valle, e serra:
Tudo he guerra, e com seus tiros
Mil suspiros já causou.*





O RETRATO.

Rondó XV.

T Em, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato, e lindo rosto,
Que por gôsto Amor espera
Em Cybêra eternizar.

Só adorna os teus cabellos
Verde fitta, em que os enlaças;
E o jasmim, que as puras Graças
Com desvelos vão buscar.

Na alva testa entre a alegria,
E a feliz serenidade,
Não diviso a crueldade,
Que porfia em maltratar.

Tem,

*Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato, e lindo rosto,
Que por gôsto Amor espera
Em Cythéra eternizar.*

Os teus olhos... ah! não pinto...
Os teus olhos tudo rendem:
Da ternura o fogo accendem,
E me sinto desfaiar.

Tua face delicada
He mais bella, doque a rosa,
Quando a purpura mimosa
Orvalhada expõe ao ar.

*Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato, e lindo rosto,
Que por gôsto Amor espera
Em Cythéra eternizar.*

Doce o riso não encobre
Mil agradados innocentes;
Mostra as perolas luzentes,
Que descobre o respirar.

Não se apartão do teu feio
Dois Amores pequeninos,
Tão crueis, e tão ferinos,
Que receio de os pintar.

*Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato, e lindo rosto,
Que por gôsto Amor espera
Em Cythéra eternizar.*

Tristes, e asperos rigores
Na tua alma se escondêrão,
E implacaveis promettêrão
Minhas dores augmentar.

Tudo o mais he formosura,
 São bellezas, que não vejo;
 E nem póde o meu desejo
 Na pintura debuxar.

*Tem, ó Glaura, o teu retrato
 Peito ingrato, e lindo rosto,
 Que por gosto Amor espera
 Em Cythéra eternizar.*



A CINTA DE VENUS.

Rondó XVI.

Cabe a cinta a Venus bella,
 Sem cautéla recoflada;
 E turbada entre os pezares
 Pede aos mares, que lba dêm.

O thesoiro se procura ,
Os desejos se interessão ,
Os cuidados já se appressão ,
E a ternura vai tambem.

Empenhou-se , ó Glaura , o zêlo ;
Mas em vão : que perda triste !
Só eu vi , fei onde existe ;
E dizelo não convém.

*Cabe a cinta a Venus bella ;
Sem cautéla recostada ;
E turbada entre os pesares
Pede aos mares , que lha dêm.*

Roubador do puro ornato
Foi Antéro , e foi Cupido ;
E o levárão escondido
Com recáto , eu fei a quem.

Receosos pelo insulto,
Que traidores commettêrão,
No teu feio se acolhêrão,
Onde occulto a sylo tem.

*Cabe a cinta a Venus bella,
Sem cautêla recostada;
E turbada entre os pesares
Pede aos mares, que lha dêem.*

Dos meus olhos não se escondem
Os meninos, a quem amo:
Se os procuro, espreito, e chamo,
Correspondem, mas não vem.

Com acênos expressivos
De alegria suspeitosa
Mostrão faxa preciosa,
Que attractivos mil contem.

*Cabe a cinta a Venus bella ,
Sem cautéla recostada ;
E turbada entre os pesares
Pede aos mares , que lha dêem.*

Se piedade afflicto rógo ;
E que cessem teus rigores ,
(Ah crueis , lindos Amores !)
Fogem logo , e com desdem.

Abrandalos não consigo ,
E já delles tenho medo :
Guarda , Nynfa , este segredo ;
Que não digo a mais ninguem.

*Cabe a cinta a Venus bella ,
Sem cautéla recostada ;
E turbada entre os pesares
Pede aos mares , que lha dêem.*

◆ ————— ◆

DORIS , E GALATE'A.

Rondò XVII.

G Laura bella , o Sol desfmaia ;
 Esta praia te convida :
 Ven dar vida ao desgraçado ,
 Já cançado de chorar.

Ouço ao longe o instrumento ,
 Que Tritão nadando embóca :
 Verde carro as penhas tóca ,
 Dorme o vento , e dorme o mar.

D'alvos peixes o cardume
 Acompanha venturoso ,
 E o Delfim terno , e piedoso ;
 Que prefume enamorar.

*Glaura bella , o Sol desfmaia :
Esta praia te convida :
Vem dar vida ao desgraçado ,
Fá cançado de chorar .*

Doris vejo , e Galatéa ,
Que por ti de amor se inflamão ;
Glaura esperão , Glaura chamão
Sobre a arêa a suspirar .

Destes valles só responde
Com voz terna , e lagrimosa
Nynfa triste , em vão faudosa ,
Que se esconde , e muda em ar .

*Glaura bella , o Sol desfmaia :
Esta praia te convida :
Vem dar vida ao desgraçado ,
Fá cançado de chorar .*

Se te alegra a fonte pura
No rigor do Estío ardente ;
Desta placida corrente
A frescura vem gozar.

Ouvirás os arvorêdos ,
De' meu pranto condoídos ,
Repetir os meus gemidos ,
E os rochedos abrandar.

Glaura bella , o Sol desfmaia :
Esta praia te convida :
Vem dar vida ao desgraçado ,
Já cansado de chorar.

Onde estás? vê que os Amores
Já nas aguas apparecem ,
E entre pérolas te offerecem
Meus ardores , meu pezar.

Ah!

Ah! tu vens . . quanto he modesto
Teu prazer, teu lindo rosto!
Ai de mim! ó falso gosto!
O' funesto delirar!

*Glaura bella, o Sol desmaia:
Esta praia te convida:
Vem dar vida ao desgraçado,
Fá cançado de chorar.*



A AURORA.

Rondó XVIII.

*V*Em, ó Nynfa suspirada,
Engraçada, e rubicunda,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.

Longas azas facodindo ,
Foge a noite escura , e fria ;
Que fereno o claro dia
Surge rindo , e deixa o mar.

De Titão a terna Esposa
Vêste os Ceos co' as lindas côres ,
E o seu pranto sobre as flores
Quer saudosa derramar.

*Vem ó Nynfa suspirada ,
Engraçada , e rubicunda ,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.*

Rôxa nuvem circulando
Pouco a pouco se illumina ;
A purpurea , e crystalina
Fluctuando não tem par.

Esta faxa longa , e verde
Muda a côr de instante a instante :
Esta azul he mais constante ,
E não perde o seu brilhar.

*Vem , ó Nynfa suspirada ,
Engraçada , e rubicunda ,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.*

Cresce a luz pelo horifonte ,
Abre o Sol o seu thesoiro ;
E movendo o carro de oiro ,
Já Ethonte inflama o ar.

Puro globo refulgente ,
Que velóz se aparta , e gyra ,
Vejo em campo de Saphíra
Transparente scintillar.

*Vem, ó Nynfa suspirada,
Engraçada, e rubicunda,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.*

Admirando o rico adorno
Do aprasivel firmamento,
Tregoa dei a meu tormento,
Mas já torno a delirar.

Assim, Glaura, me desvío
Do meu mal, quando appareces,
E mimosa á fonte desces
Para o Rio enamorar.

*Vem, ó Nynfa suspirada,
Engraçada, e rubicunda,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.*



O M E I O D I A .

Rondó XIX.

GLaura, as Nynfas te chamarão,
E buscarão doce abrigo:
Vem comigo, e nesta gruta
Branda escuta o meu amor.

Treme agora o ar extenso
Pela Esfera crystalina;
Que os seus raios não declina
Esse immenso resplendor.

Busca o toiro fatigado
Frias sombras, verde relva:
Co' a cigarra zune a selva,
Foge o gado, e o Pastor.

*Glaura, as Nynfas te chamarão,
E buscarão doce abrigo:
Vem comigo, e nesta gruta
Branda escuta o meu amor.*

Ferve a arêa desta praia,
Arde o musgo no rochedo,
Esmorece o arvoredado,
E desfmaia a tenra flor.

Todo o campo se desgosta,
Tudo... ah! tudo a calma fente:
Só a gélida serpente
Dorme exposta ao vivo ardor.

*Glaura, as Nynfas te chamarão,
E buscarão doce abrigo:
Vem comigo, e nesta gruta
Branda escuta o meu amor.*

Vês a plebe namorada
De volantes borborôtas?
Loiras são, e azues, e pretas,
De mesclada, e vária côr.

Aquella ave enternecida,
Que cantou ao ver a Aurora,
Abre as azas, geme agora
Opprimida do calor.

*Glaura, as Nynfas te chamarão,
E buscarão doce abrigo:
Vem comigo, e nesta gruta
Branda escuta o meu amor.*

Fonte aqui não se despenha
Com ruído, que entristece:
Gôta a gôta a Lynfa desce,
Lava a penha sem rumor.

Aqui

Aqui vive preciosa
 Escondida amenidade,
 O segredo, e a faudade,
 E a chorosa minha dor.

*Glaura, as Nynfas te chamdrão,
 E buscarão doce abrigo:
 Vem comigo, e nesta gruta
 Branda escuta o meu amor.*



A TARDE.

Rondó XX.

JA serena desce a tarde,
 Já não arde o Sol formoso:
 Vem saudoso o brando vento
 Doce alento respirar.

Pelos fins daquelle monte
Vejo, ó Nynfa, luzes bellas
Entre purpura amarellas
No horifonte fluctuar.

Que gigante os Ceos adorna
Com chuveiros d'e oiro, e prata!
Sóbe, e cresce, e se desfata,
E se torna todo em ar!

*Fá serena desce a tarde,
Fá não arde o Sol formoso:
Vem saudoso o brando vento
Doce alento respirar.*

Surge alí vistosa ferra
De mil varios esplendores,
A quem Iris deu as cores
Para a terra enamorar.

Nuvens claras, e redondas
Deixa Phebo acelerado,
Que o semblante avermellado
Sobre as ondas vai banhar.

*Já serena desce a tarde,
Já não arde o Sol formoso:
Vem saudoso o brando vento
Doce alento respirar.*

Pouco a pouco a luz desmaia ;
Mas não cede á noite fêa :
Inda vejo a solta arêa
Nesta praia branquejar.

Cordeirinhos manteúdos
Traz Pastora diligente :
Elles brincão frente a frente ,
Vem felpudos a saltar.

*Já serena desce a tarde,
Já não arde o Sol formoso:
Vem saudoso o brando vento
Doce alento respirar.*

Como chora enternecida
Triste Flauta! ó bella, escuta.
Lá repete ao longe a gruta,
E convida a suspirar.

Ai de mim! teu peito ingrato
Não conhece o que he suspiro;
E eu por ti de amor espiro,
E só trato de te amar!

*Já serena desce a tarde,
Já não arde o Sol formoso:
Vem saudoso o brando vento
Doce alento respirar.*



A NOITE.

Rondò XXI.

O Uee, ó Glaura, o som da Lyra,
Que suspira lagrimosa,
Amorosa em noite escura,
Sem ventura, nem prazer.

Já cahio do opposto monte
Sombra espessa nestes valles;
Ouço aos echos de meus males
Esta fonte responder.

São iguaes a praia, a ferra:
D' hũa cor o bosque, o prado:
Triste o ar, feio, enlutado
Vem a terra escurecer.

*Ouve, ó Glaura, o som da Lyra ;
Que suspira lagrimosa ,
Amorosa em noite escura ,
Sem ventura , nem prazer.*

Melancólico agoireiro
Sólta a vóz Mocho faminto ;
(*) E o *Vampir* de fangue tinto ;
Que he ligeiro em se esconder.

Vôa a denfa escuridade ;
O silencio , horror , e espanto ;
E as correntes do meu pranto
A saudade faz verter.

f ii

Ott-

(*) O grande *Morcego* , que se nutre de sangue , e habita nos climas quentes.

*Ouve, ó Glaura, o som da Lyra,
Que suspira lagrimosa,
Amorosa em noite escura,
Sem ventura, nem prazer.*

Tem a noite furda, e fêra
Carro de ébano polido:
Moxe o sceptro denegrido,
Toda a Esféra vê tremer.

Fórma o tímido desgosto
Mil imagens da tristeza,
Que affustada a natureza
Volta o rosto por não ver.

*Ouve, ó Glaura, o som da Lyra,
Que suspira lagrimosa,
Amorosa em noite escura,
Sem ventura, nem prazer.*

Ao ruído destas agoas
Vinde, ó sonhos voadores,
De Morfeo co' as tenras flores
Minhas mágoas suspender.

Mas se Amor alivios nega,
Quando o peito mais inflama:
Só aquelle, que não ama,
He que chega a adormecer.

*Ouve, ó Glaura, o som da Lyra,
Que suspira lagrimosa,
Amorosa em noite escura,
Sem ventura, nem prazer.*



OS AMORES PERDIDOS.

Rondó XXII.

L*ouco amante , e sem ventura ,
De ternura suspirando ,
Vou buscando entre estas flores
Os amores , que perdi.*

Não me engana o meu receio :
Tu, ó Nynfa os occultaste,
Ou no ceio os affogaste,
No teu seio, onde eu os ví,

Ah cruel! tua fereza
Rigorosa os opprimia :
Meu prazer desde esse dia
Em tristeza converti.

*Louco amante, e sem ventura,
De ternura suspirando,
Vou buscando entre estas flores
Os amores, que perdi.*

Com temor, e com faudade
Se escondião... que tormento!
Fui sensível ao lamento;
Por piedade os recolhi.

Rôxa fêlpa mal mostravão
Suas azas inda implumes:
Justos erão seus queixumes,
E choravão só por ti.

*Louco amante, e sem ventura,
De ternura suspirando,
Vou buscando entre estas flores
Os amores, que perdi.*

Nem co' a vista destes valles
Ao surgir purpurea Aurora ,
Nem c'os dons da alegre Flora
Os seus males diverti.

Ao correr das frias agoas
Por costume os ais escuto ,
Ai de mim ! qual foi o fruto
Dessas magoas , que soffri ?

*Louco amante, e sem ventura ,
De ternura suspirando ,
Vou buscando entre estas flores
Os amores , que perdi.*

No meu peito já crescidos
Hũa tarde repousarão :
Suas lagrimas cessarão ,
E os gemidos não senti.

Foi então , ó Glaura bella ,
Foi então que me fugirão :
Eu clamei , e não me ouvirão
Impia estrella , em que nasci !

*Louco amante , e sem ventura ,
De ternura suspirando ,
Vou buscando entre estas flores
Os amores , que perdi .*



O AMANTE SAUDOSO.

Rondó XXIII.

Linda Glaura os arvoredos ,
E os rochedos , que já viste ,
Tudo he triste , e tudo sente
Meu ardente suspirar .

Quando os Risos, e os Amores
Apparecem nos teus olhos,
Até d'asperos abrolhos
Vejo flores rebentar.

Mas se deixas este prado,
Ai de mim! crueis pésaes!
Sinto escuro o Ceo, e os ares,
E enlutado o bosque, e o mar.

*Linda Glaura, os arvoredos,
E os rochedos, que já viste,
Tudo he triste, e tudo sente
Meu ardente suspirar.*

Não te alegra a curva praia,
Quando o Sol já se retira?
Não te move o som da lyra,
Que desfmaia de chorar?

De que nasce o teu desgosto?
Ah! permite, que te vejam
Estes campos, que desejam
O teu rosto enamorar.

*Linda Glaura, os arvoredos,
E os rochedos, que já viste,
Tudo he triste, e tudo sente
Meu ardente suspirar.*

No declívio deste monte,
Murmurando á sombra fria,
Da soberba penedã
Clara fonte desce ao mar.

Nessa gruta deleitosa
Doce Zefiro te espera,
E a suave Primavera
Cuidadosa em te agradar.

*Linda Glaura, os arvoredos;
E os rochedos, que já viste,
Tudo he triste, e tudo sente
Meu ardente suspirar.*

Destes valles foge a calma
No rigor do féro Estio:
Torna ó bella, torna ao rio,
Vem minha alma consolar.

E eu verei, oh que ventura!
Neste placido remanso.
Os prazeres, e o descanso,
E a ternura triunfar.

*Linda Glaura, os arvoredos,
E os rochedos, que já viste,
Tudo he triste, e tudo sente
Meu ardente suspirar.*

O PRAZER

Rondó XXIV.

*Sobre o feno recostado,
Descançado affino a lyra,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.*

Amo a simples Natureza:
Busquem outros a vaidade
Nos tumultos da cidade,
Na riqueza, e no poder.

Desse pélago furioso
Não me assustão os perigos,
Nem dos ventos inimigos
O raivoso combater.

*Sobre o feno recostado,
Descançado affino a lyra,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.*

Pouca terra cultivada
Me agradece com seus frutos;
Mas os olhos tenho enxutos,
Quanto agrada assim viver!

O meu peito só deseja
Doce paz neste retiro;
Por delicias não suspiro,
Onde a inveja faz tremer.

*Sobre o feno recostado,
Descançado affino a lyra,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.*

Pelas sombras venturosas
De fecundos arvoredos
Ouve Glaura os meus segredos,
Quando rofas vai colhêr.

Já o Amor com ferro duro
Não me assalta , nem me offende:
Já suave o fogo acende ,
E mais puro o sinto arder.

*Sobre o feno recostado ,
Descançado affino a lyra ,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.*

Entre as graças , e os Amores
Canto o Sol , e a Primavera ,
Que risonha vem da Esfera
Tudo em flores converter.

A innocencia me acompanha;
 Oh que bem! oh que thesoiro!
 Vejo alegre os dias de oiro
 Na montanha renascer.

*Sobre o feno recostado,
 Descançado affino a lyra,
 Que respira com ternura
 Na doçura do prazer.*



A ALEGRIA.

Rondó XXV.

S Em o amor, ó GLaura, tudo
 Era mudo, e triste, e feio:
 Tudo cheio de alegria
 Neste dia o vê tornar.

Vem

Vem contigo a formosura
E as delicias deste monte:
Dá valor ao prado, á fonte,
A ventura de te amar.

N'outro tempo a esteril ferra
Teve a côr das minhas magoas;
Hoje brilha o Sol nas agoas,
Ri-se a terra, o Ceo, e o mar!

*Sem o amor, ó Glaura, tudo
Era mudo, e triste, e feio:
Tudo cheio de alegria
Neste dia o vê tornar.*

Rude Fãuno, que se esconde;
E de amor a vóz escuta,
Dobra os echos nesta gruta,
E responde a suspirar.

Quanto agrada ouvir desta ave
O gorgeio harmonioso,
E do Zéfiro amoroso
O suave respirar.

*Sem o amor, ó Glaura, tudo
Era mudo, e triste, e feio:
Tudo cheio de alegria
Neste dia o vê tornar.*

Coroada de mil flores,
Mostra a linda Cytheréa
Alvo pé na ruiva arêa,
Que os amores vem beijar.

Desta rocha curva, e alta
Pela tarde com descanso
Vejo, ó Nynfa, no remanso
Como salta o peixe ao ar.

*Sem o amor , ó Glaura , tudo
Era mudo , e triste , e feio
Tudo cheio de alegria
Neste dia o vê tornar.*

Desatando as tranças de oiro
Surgirá brilhante a Aurora ,
Para ver a bella Flora
Seu thesouro derramar.

Ah ! não fujas destes prados ;
Onde amor ha de seguir-te :
Mais não tenho , que pedir-te
Nem os Fados mais , que dar.

*Sem o amor , ó Glaura , tudo
Era mudo , e triste , e feio
Tudo cheio de alegria
Neste dia o vê tornar.*



O AMANTE SATISFEITO.

Rondó XXVI.

*C*anto alegre nesta gruta,
E me escuta o valle, e o monte:
Se na fonte Glaura vejo,
Não desejo mais prazer.

Este rio socegado,
Que das margens se enamora,
Vê co' as lagrimas da Aurora
Bosque, e prado florecer.

Puro Zefiro amoroso
Abre as asas lisongeiras,
E entre as folhas das mangueiras
Vai faudoso adormecer.

*Canto alegre nesta gruta,
E me escuta o valle, e o monte:
Se na fonte Glaura vejo,
Não desejo mais prazer.*

Novos sons o Fauno ouvindo,
Destro move o pé felpudo:
Cauteloso, agreste, e mudo
Vem sahindo por me ver.

Quanto vale hũa capella
De jasmims, lirios, e rosas,
Que co' as Dryades mimosas
Glaura bella foi colher!

*Canto alegre nesta gruta,
E me escuta o valle, e o monte:
Se na fonte Glaura vejo,
Não desejo mais prazer.*

Receou tristes agoiros
A innocencia abandonada;
E aqui veio retirada
Seus thesoiros esconder.

O mortal, que em si não cabe,
Busque a paz de clima, em clima;
Que os seus dons no campo estima,
Quem os sabe conhecer.

*Canto alegre nest' gruta,
E me escuta o valle, e o monte:
Se na fonte Glaura vejo,
Não desejo mais prazer.*

Os metaes adore o mundo;
Ame as pedras, com que sonha,
Do feliz Jequetinhonha, (*)
Que em seu fundo as vio nascer.

Eu

(*) Rio onde se achão muitos diamantes no Serro do Frio.

Eu contente nestas brenhas
 Amo Glaura, e amo a lyra,
 Onde terno amor suspira,
 Que estas penhas faz gemer.

*Canto alegre nesta gruta,
 E me escuta o valle, e o monte:
 Se na fonte Glaura vejo,
 Não desejo mais prazer.*



GLAURA DORMINDO.

Rondó XXVII.

*Voai Zefiros mimosos,
 Vagarosos com cautela;
 Glaura bella está dormindo;
 Quanto he lindo o meu amor!*

Mais me elevão sobre o feno
Suas faces encarnadas,
Do que as rosas orvalhadas
Ao pequeno Beija-flor.

O descanso, a paz contente
Só respirão nestes montes:
Sombras, penhas, troncos, fontes,
Tudo sente hum puro ardor.

*Voai Zefiros mimosos,
Vagarosos com cautéla;
Glaura bella está dormindo;
Quanto he lindo o meu amor!*

O silencio, que nem ousa
Bocejar, e só me escuta,
Mal se move nesta gruta,
E repousa sem rumor.

Leve sono, por piedade,
Ah! derrama em tuas flores
O pefar, a magoa, as dores,
E a faudade do Pastor.

*Voai Zefiros mimosos,
Vagarosos com cautéla;
Glaura bella está dormindo;
Quanto he lindo o meu amor!*

Se nos mares apparece
Venus terna, e melindrosa,
Glaura, Glaura mais formosa
Lhe escurece o feu valor.

No vestido azul e nobre
He sem oiro, e sem diamante,
Qual a filha de Thaumante,
Que se cobre de esplendor.

*Voai Zefiros mimosos ,
Vagarosos com cautéla ;
Glaura bella está dormindo ,
Quanto be lindo o meu amor !*

He suave o feu agrado
A meus olhos nunca enxutos ,
Como são os doces frutos
Ao cançado Lavrador.

Mas bem longe da ventura
A's mudanças vivo affeito ,
Encontrando no teu peito
Já brandura , e já rigor.

*Voai Zefiros mimosos ,
Vagarosos com cautéla ;
Glaura bella está dormindo ;
Quanto be lindo o meu amor.*

◆ ————— ◆
DEZEMBRO.*Rondó XXVIII.*

JA Dezembro mais calmoso
Perguiçoso o giro inclina:
Illumina o Ceo rotundo,
Quer o mundo incendiar.

Vem Pastora aqui te esperão
Os prazeres deste rio;
Onde o Sol; e o secco Estio
Não poderão penetrar.

Nuas graças te preparão
A conchinha transparente,
O coral rubro, e luzente,
Que buscarão sobre o mar.

*Já Dezembro mais calmoso
Perguiçoso o giro inclina:
Illumina o Ceo rotundo,
Quer o mundo incendiar.*

Entre os mimos, e a frescura,
Entre as sombras, e entre as agoas,
Do Pastor as tristes magoas,
E a ternura has de encontrar.

Pelo golfo curvo, e largo
Appareçe a Deosa bella:
Ora a vaga se encapella,
Ora o pargo surge ao ar.

*Já Dezembro mais calmoso
Perguiçoso o giro inclina:
Illumina o Ceo rotundo,
Quer o mundo incendiar.*

De me ouvir ao som desta aura,
Que menea os arvoredos,
Aprenderão os rochedos
Glaura, Glaura a suspirar.

Oh, que doce amenidade!
Loiras Dryades se ajuntão:
Por teus olgos me perguntão
Com saudade, e sem cessar.

*Fá Dezembro mais calmofo
Perguiçoso o giro inclina:
Illumina o Ceo rotundo,
Quer o mundo incendiar.*

Ah cruel! porque não vamos
Colher mangas preciosas,
Que promettem venturosas
Os seus ramos encurvar?

Se no abrigo destes prados
 Não achares lindas flores,
 Acharás os meus amores.
 Desgraçados a chorar.

*Já Dezembro mais calmoso,
 Perguiçoso o giro inclina:
 Illumina o Ceo rotundo,
 Quer o mundo incendiar.*



O AMOR MUDADO EM ABELHA.

Rondó XXIX.

T Em o amor mil passadores
 Entre as flores deste prado,
 E mudado em leve abelha,
 Se aparelha, e já voou.

Implacavel não descança,
E eu, ó Nynfa, bem receio,
Que elle empregue no teu seio
A vingança, que jurou.

Sahe do nectar d'uma rosa...
Ah que abelha tão ferina!
Mal a vejo, e pequenina,
E raivosa me picou.

*Tem o amor mil passadores
Entre as flores deste prado,
E mudado em leve abelha,
Se aparelha, e já voou.*

Não ha dor, que mais inflame
Infeliz! que em vivo fogo
Esmaguei a abelha, e logo
N'um enxame se tornou.

Fui crivado de seus tiros :
Vi turbar-se o Ceo sereno ;
E o mortifero veneno
Em suspiros me afogou.

*Tem o amor mil passadores
Entre as flores deste prado ,
E mudado em leve abelha
Se aparelha , e já voou.*

Ai de mim ! que desventura !
Que cruel melancolia !
Foge a paz , foge a alegria ;
Que amarguras me deixou.

Solitario , e pensativo ,
Esmoreço nestes valles ;
E o autor de tantos males
Vingativo se alegrou !

*Tem o amor mil passadores
Entre as flores deste prado,
E mudado em leve abelha
Se aparelha, e já voou.*

Linda Glaura, não duvides
Que o meu peito afflicto sente
Do Centauro o sangue ardente;
Com que Alcides se abrafou.

Sem cessar na intensa fragoa
Cresce o miserô desgosto:
Só ao ver teu bello rosto
Minha mágoa se abrandou.

*Tem o amor mil passadores
Entre as flores deste prado,
E mudado em leve abelha
Se aparelha, e já voou.*



O D E S E J O.

Rondó XXX.

MEu, desejo elconde o rosto
 Por desgosto, a que o condemnas:
 Ah! que as pennas lhe arrancaste,
 E o lançaſte, ó Glaura, ao mar.

Os Delfins compadecidos
 I he dão vida neſtas agoas:
 Doris ouve os ais, e as magoas,
 E os gemidos com pezar.

Hamadryades ſe apreſão,
 E nos braços o tomarão;
 Flora, e Zefro o levarão,
 E não ceſſão de chorar.

*Meu desejo inclina o rosto
Por desgosto, a que o condemnas:
Ab! que as pennas lhe arrancaste,
E o lançaste, ó Glaura, ao mar.*

Que te fez esse innocente
Em colher cheirosas flores,
Companheiro dos amores
Diligente no agradar?

Dos teus olhos namorado;
E ludibrio da ventura,
Vinha amante (que ternura!)
Neste prado suspirar.

*Meu desejo esconde o rosto
Por desgosto, a que o condemnas:
Ab! que as pennas lhe arrancaste,
E o lançaste, ó Glaura, ao mar.*

Mil, e mil de amor delirão,
E se elevão sem limite,
Mais que as aves de Amphitrite,
Quando girão sobre o ar.

Só o afflicto em vão sacode,
Abre em vão as azas suas:
Abre, e mostra, que estão nuas,
Que não póde assim voar.

*Meu desejo inclina o rosto
Por desgosto, a que o condemnas:
Ah! que as pennas lhe arrancaste,
E o lançaste, ó Glaura, ao mar.*

Já opprimem do teu peito
Os rigores sempre injustos:
Já se entrega á dôr, aos fustos
Satisfeito de te amar.

O infeliz não mais consumas:
 Ache o riso em teu regaço;
 E o verás n'um breve espaço
 Lindas plumas renovar.

*Meu desejo esconde o rosto
 Por desgosto, a que o condemnas:
 Ah! que as pennas lhe arrancaste,
 E o lançaste, ó Glaura, ao mar.*



OS CANTOS AMOROSOS.

Rondó XXXI.

Para ouvir cantar de amores
 Os Pastores me buscarão;
 Convidarão Nynfas bellas;
 Glaura entre ellas me animou.

A alegria vi nos ares ,
E no bosque florecente :
Cantei de Hero o amor ardente
Quando aos mares se arrojou.

Ella vê nas tristes agoas
O Abideno (ó Ceos , conforto !)
Que affogado junto ao porto
Duras magoas excitou.

Para ouvir cantar de amores
Os Pastores me buscarão ;
Convidarão Nynfas bellas ;
Glaura entre ellas me animou.

Cantei Thisbe delirante ,
Que ao punhal entrega a vida :
A alma sahe pela ferida ,
E ao amante acompanhou.

Morreo Pyramo enganado,
E com elle a esposa morre:
O seu sangue unido corre,
E no prado congelou.

*Para ouvir cantar de amores
Os Pastores me buscarão;
Convidarão Nynfas bellas;
Glaura entre ellas me animou.*

Cantei Dido, que suspira
Ao mover-se o mar, e o vento;
E o seu barbaro tormento
Logo em ira se mudou.

Só deseja o mortal damno
Infeliz, e abandonada:
Abre o peito aguda espada,
Que o Troyano lhe deixou.

Para ouvir cantar de amores
Os Pastores me buscarão ;
Convidarão Nynfas bellas ;
Glaura entre ellas me animou.

Cantei Glaura melindrosa ,
Doce agrado , e formosura ;
Que no feio da ternura
Venturosa triunfou.

Tudo applaude : è co' a leve aura
O Favoniõ lifongeiro
De boninas hum chuveiro
Sobre Glaura derramou.

Para ouvir cantar de amores
Os Pastores me buscarão ;
Convidarão Nynfas bellas ;
Glaura entre ellas me animou.



ECHO.

Rondó XXXII.

Flebil Echo destas grúas,
 Que me escutas rouca, e triste;
 Onde viste a bella Glaura
 Feliz aura respirar?

Sobre as penhas, sobre os valles.
 Enviei ternos suspiros:
 E dos asperos retiros
 Só meus males vi tornar.

Os suspiros lá morrerão
 Lagrimosos, e cançados;
 E a Pastora (ai desgraçados!)
 Não poderão encontrar.

*Flebil Echo destas grutas,
Que me escutas rouca, e triste,
Onde viste a linda Glaura
Feliz aura respirar.*

Perguntei ao claro rio
Nos incultos arvoredos;
Respondeo me entre os rochedos
O sombrio murmurar.

Acho a praia sem adorno:
E pergunto ás tenras flores;
Ninguém vio os meus amores,
E inda torno a perguntar.

*Flebil Echo destas grutas,
Que me escutas rouca, e triste,
Onde viste a bella Glaura
Feliz aura respirar.*

Pelo bosque se espalharão
Minhas queixas amorosas;
E co' as Dryades faudosas
Começarão a chorar.

Nem o campo me contenta,
Nem os Zefiros suaves:
Bulco em vão as brandas aves,
Que afugenta o meu pezar.

*Flebil Echo destas grutas,
Que me escutas rouca, e triste,
Onde viste a linda Glaura
Feliz aura respirar?*

Duro amor, ingrato, e fero,
Que me opprimes noite, e dia,
Se me levas a alegria,
Não espero mais gozar.

Verdes prados, pura fonte
 Tudo, ó Glaura, desprefaste:
 Glaura! ah Glaura! e me deixaste
 Neste monte a delirar!

*Flebil Echo destas grutas,
 Que me escutas rouca, e triste,
 Onde viste a linda Glaura
 Feliz aura respirar?*



O CAJUEIRO DO AMOR.

Rondó XXXIII.

*V*Em, ó Nynfa, ao Cajueiro,
 Que no oiteiro desprezamos;
 Que em seus ramos tortuosos
 Amorosos fructos dá.

Se desejas a frescura,
 O seu tronco te convida,
 E entre as folhas escondida
 Aura pura, e doce está.

Inda a mão do Estio ardente
 Não creftou no campo as flores:
 Vem, que a Deosa dos amores
 Tua frente adornará.

*Vem, ó Nynfa, ao Cajueiro,
 Que no oiteiro desprezamos,
 Que em seus ramos tortuosos
 Amorosos fruêtos dá.*

Lá chorando, e namorada
 Hamadryade te acena:
 Sem soccorro em sua pena
 Desmaiada ficará.

Vem, consola por piedade
 Os seus miseræ gemidos,
 E os seus ais, que enternecidos
 De saudade morrem já.

*Vem, ó Nynfa, ao Cajueiro,
 Que no oiteiro desprezamos,
 Que em seus ramos tortuosos
 Amorosos fructos ad.*

Nelle vio feliz minha alma
 Triunfar o amor, e a gloria;
 E em signal desta victoria
 Verde palma crescerá.

Vôa triste o meu martyrio,
 E de longe turba os ares:
 Semeei crueis pezares
 Rôxo lyrio nascerá.

*Vem, ó Nynfa, ao Cajueiro,
 Que no oiteiro desprezamos,
 Que em seus ramos tortuosos
 Amorosos fructos dá.*

Vem tecer huma capella
 Ao amor, que nos inspira;
 E na voz da curva lyra
 Glaura bella soará.

Vês o amor, e não o entendes?
 Tem occulto allí seu ninho;
 E te diz que he passarinho;
 Se o não prendes, voará.

*Vem, ó Nynfa, ao Cajueiro,
 Que no oiteiro desprezamos,
 Que em seus ramos tortuosos
 Amorosos fructos dá.*

F I M.

Non, à Naples, au Capri,
Que ne vient de l'Espagne,
Que en son sein se trouvent
L'Amour, le plaisir, &c.

Vous êtes dans les Capelles
A Naples, que nos infans;
Et un peu de votre pays
L'Amour, le plaisir, &c.

Vis o amor, & nã o entãdas;
Tão oculto ali se nãdas;
E se ali que no nãdas;
Se não se nãdas.

Non, à Naples, au Capri,
Que ne vient de l'Espagne,
Que en son sein se trouvent
L'Amour, le plaisir, &c.

Ah! concede os teus favores ;
Muda em riso o enfado , a ira ;
Que eu prometto a branda lyra
Aos amores dedicar.

Amor.

*Pela gloria , a que aspiraste
Desprezaste os meus thesouros :
De teus loiros adornado
Desgraçado vai chorar.*

Pastor.

Destá fonte as puras agoas
Já correrão deleitosas ;
Hoje tristes vem faudosas
Minhas magoas augmentar.

Co' meus ais, e meus lamentos
Todo o campo degenera,
E nem póde a Primavera
Meus tormentos consolar.

Amor.

*Pela gloria, a que aspiraste
Desprezaste os meus thesoiros:
De teus loiros adornado
Desgraçado vai chorar.*

Pastor.

Não quebrei farpões agudos
Da sonora tua aljava:
Teu poder, que eu respeitava,
Via em tudo triunfar.

Não he grande a minha culpa
 Em ter livre o peito hum dia;
 Glaura em fim não conhecia;
 Tem desculpa o não amar.

Amor.

*Pela gloria a que aspiraste;
 Desprezaste os meus thesoiros:
 De teus loiros adornado
 Desgraçado vai chorar.*

Pastor.

Inda os olhos não serenas?
 Inda, Amor, comigo es fero?
 Em vão choro, em vão espero
 Minhas penas abrandar?

Já meu pranto os troncos movê
 Co' estes languidos gemidos:
 Ah! não cerres os ouvidos,
 Que he de Jove o perdoar.

Amor.

*Pela gloria, a que aspiraste,
 Desprezaste os meus thesoiros;
 De teus loiros adornado
 Desgraçado vai chorar.*

◆————◆
 O DESGOSTO.

Rondo XXXV.

SE piedade, o Glaura, sentes,
 Não augmentes meu desgosto:
 O teu rosto não me occultes,
 Não insultes meu penar.

A meus ais responde a brenha ,
A meus ais enternecidos ;
Inda vem os meus gemidos
Nesta penha redobrar.

Só resiste a minhas dores
Esse peito ingrato , e fero ;
Infeliz ! que em vão espero
Teus rigores abrandar.

*Se piedade , ó Glaura , sentes ,
Não augmentes meu desgosto :
O teu rosto não me ocultes ,
Não insultes meu penar.*

Doire os Ceos a luz brilhante ;
Tudo offusque a sombra escura ;
Has de ver-me sem ventura
Triste amante a suspirar.

Ah cruel! e assim me deixas
Neste barbaro tormento?
Minhas magoas, meu lamento,
Minhas queixas folto ao ar?

*Se piedade, ó Glaura, sentes,
Não augmentes meu desgosto:
O teu rosto não me occultes,
Não insultes meu penar.*

Já se apartão nevoas frias,
Ri-se o campo, ri-se a esfera:
Torna a doce Primavera...
Oh que dias vão raiar!

Ai de mim! que não consigo
Nem prazeres, nem descanso:
Foge o bem, e não alcanço,
Vai conmigo o meu pezar.

*Se piedade, ó Glaura, sentes,
Não augmentes meu desgosto:
O teu rosto não me occultes,
Não insultes meu penar.*

Penfativo entre estas faias,
Aborreço o valle, os montes:
Não me alegrão sombras, fontes,
Nem as praias, nem o mar.

O meu canto não respira
Na aspereza destas grutas;
Mas se tu me não escutas,
Fique a lyra exposta ao ar.

*Se piedade, ó Glaura, sentes,
Não augmentes meu desgosto:
O teu rosto não me occultes,
Não insultes meu penar.*

◆ ————— ◆

A PRIMAVERA.

Rondó XXXVI.

*V*em, ó doce Primavera;
 Já te espera a minha amada;
 Não agrada triste Inverno
 A meu terno, e brando amor.

Negras nuvens amontôa
 O chuvoso Sud-Oeste;
 Move a cólera celeste,
 Tudo atrôa o seu furor.

Geme, e em ferras levantado
 Bate o mar na rocha dura:
 Perde o rumo sem ventura
 Soçobrado o Pescador.

Vem.

*Vem , ó doce Primavera ;
Já te espera a minha amada ;
Não agrada triste Inverno
A meu terno , e grande amor .*

Ameaça turvo o Rio ,
Com estrondo a fonte desce ;
E no Ceo só apparece
Euro frio estragador .

Nem da flauta , nem da lyra
A sonora voz se escuta :
Solitaria , e feia a gruta
Não inspira mais , que horror .

*Vem , ó doce Primavera ;
Já te espera a minha amada ;
Não agrada triste Inverno
A meu terno , e brando amor .*

Glaura estima as bellas flores,
Ama os Zefiros suaves:
Quer ouvir no campo as aves
E os amores do Pastor.

Vejo Dryade saudosa
Na mangueira com desgosto,
Por não ver seu lindo rosto,
Que da rosa tem a cor.

*Vem, ó doce Primavera;
Já te espera a minha amada;
Não agrada triste Inverno
A meu terno, e brando amor.*

Traze a Aurora scintillante,
Que rompendo o véo escuro,
Mostre a Glaura novo, e puro
Seu brilhante resplendor.

Nos seus olhos refuscite
Destes montes a alegria ;
Crescerá de dia em dia
Sem limite o meu ardor.

*Vem , ó doce Primavera ;
Já te espera a minha amada ;
Não agrada triste Inverno
A meu terno , e brando amor.*



A' MANGUEIRA.

Rondó XXXVII.

C Arinhosa , e doce , ó Glaura ,
Vem esta aura lisongeira ,
E a Mangueira já florida
Nos convida a respirar.

Sobre a relva o fol doirado
Bebe as lagrimas da Aurora,
E suave os dons de Flora
Neste prado vê brotar.

Ri-se a fonte: e bella, e pura
Sahe dos asperos rochedos,
Os pendentes arvoredos
Com brandura a namorar.

*Carinhosa, e doce, ó Glaura,
Vem esta aura lisongeira;
E a Mangueira já florida
Nos convida a respirar.*

Com voz terna harmoniosa
Canta alegre o passarinho,
Que defronte do seu ninho
Vem a esposa consolar.

Em festões os lyrios trazem...
Nynfas, vinde... eu dou os braços;
Apertai de amor os laços,
Que me fazem suspirar.

*Carinhosa, e doce, ó Glaura;
Vem esta aura lisongeira;
E a Mangueira já florida
Nos convida a respirar.*

Vês das Graças o alvoroço?
Ah! prenderão entre flores
Os meus tímidos amores,
Que não posso desfatar!

Como os cobre o casto pejo!
Mas os olhos innocentes
Inda mostram descontentes
O desejo de agradar.

*Carinhosa, e doce, ó Glaura,
Vem esta aura lisongeira;
E a Mangueira já florida
Nos convida a respirar.*

Vagaroso, e com faudade,
Triste, languido, e sombrio
Verdes bosques lava o rio
Sem vontade de os deixar.

Ao prazer as horas demos
Da Estação mais opportuna;
Que estes mimos da fortuna
Inda havemos de chorar.

*Carinhosa, e doce, ó Glaura,
Vem esta aura lisongeira;
E a Mangueira já florida
Nos convida a respirar.*



A ROSA.

Rondó XXXVIII.

*Q*uanto, ó Nynfa, he venturosa
Essa rosa delicada!
Invejada no teu peito,
Satisfeito a vé o Amor.

Pedio Flora á Natureza
Ao vestir de novo os prados,
Que esmerasse os seus cuidados
Na belleza desta flor.

Logo abrindo as azas leves
Os Favonios a ampararão:
Nem as chuvas lhe tocarão,
Nem das neves o rigor.

Quan-

*Quanto, ó Nynfa, he venturosa
Essa rosa delicada!
Invejada no teu peito
Satisfeito a vê o Amor!*

Elle foi Argos zelloso,
Que a guardava noite, e dia;
E entre espinhos a escondia
Do amoroso Lavrador.

Nova abelha por sensível
Desse neectar á doçura,
Encontrou na setta dura
O terrivel seu furor.

*Quanto, ó Nynfa, he venturosa
Essa rosa delicada!
Invejada no teu peito
Satisfeito a vê o amor!*

Se no adorno teu se emprega,
Vale mil, e mil boninas;
Mas se o feio lhe destinas,
Nada chega ao seu valor.

Eu lhe vejo hum só desgosto;
Que nas folhas mal encobre;
Pois conhece que he mais nobre
Do teu rosto a bella côr.

*Quanto, ó Nynfa, he venturosa
Essa rosa delicada!
Invejada no teu peito
Satisfeito a vê o amor!*

Que fortuna! a Rosa treme?...
Sonho? ó Glaura, eu não deliro:
Vôa, e foge o teu suspiro,
E não teme o ser traidor.

Vem, suspiro terno, e mudo;
 Vem, dissipa os meus temores;
 Vence a rosa ás outras flores,
 Vença tudo o meu ardor.

*Quanto, ó Nynfa, he venturosa
 Essa rosa delicada!
 Invejada no teu peito,
 Satisfeito a vé o amor!*

◆————◆
 A' M A R E'

Rondó XXXIX.

SE invejoso o amor te impede
 Ver a rede no remanso,
 Deixo o lanço; ah! que em demoras
 Vão as horas da Maré!

Namorada Galatêa ,
Que abrandou os negros mares ,
Fugirá destes lugares ,
Se na arêa te não vê.

Tem de perolas hum fio
Nestes humidos rochedos ,
E mostrando os seus segredos ,
Diz ao rio , que t'as dê.

*Se invejoso o amor te impede
Ver a rede no remanso ,
Deixo o lanço ; ah ! que em demoras
Vão as horas da Maré !*

Surda magoa me consome ,
E o tormento mais se aggrava ,
Quando amor na rica aljava
O teu nome escrito lê.

Ai de mim! oh Venus bella,
Que do amor tenho ciumes!
Nada valem meus queixumes...
Choro, e ella me não crê.

*Se invejoso o amor te impede
Ver a rede no remanso,
Deixo o lanço; ah! que em demoras
Vão as horas da Maré!*

Vi, ó Glaura... que prodigio!
Meu alento se perturba!...
Vi de amores linda turba
N'um vestigio do teu pé.

Mas não te enchas de vaidade,
Que os amores são ligeiros;
Vão, e tornão lisongeiros
Sem verdade, ardor, nem fé.

*Se invejoso o amor te impede
Ver a rede no remanso,
Deixo o lanço; ah! que em demoras
Vão as horas da Maré!*

Ah cruel! porque te escondes
De quem só por ti desfmaia?
Porque deixas esta praia?
Não respondes? ah! porque?

Já feróz melancolía
Tolda o mar, cobre a espessura:
Para os mimos da ventura
Este dia já não he.

*Se invejoso o amor te impede
Ver a rede no remanso,
Deixo o lanço; ah! que em demoras
Vão as horas da Maré.*



O BOSQUE DO AMOR.

Rondó XL.

D*As-me, Amor, o que desejo;
Mas não vejo Glaura bella:
E sem ella... ah que eu deliro,
E suspiro sem cessar!*

Entre o musgo a penha dura
Mostra azues, mostra rosadas
As conchinhas delicadas
Com brandura a gotejar.

Sobre a fonte crystalina
Cedro annoso, e curvo pende:
Namorado a rama estende,
E se inclina para o mar.

*Das-me, Amor, o que desejo;
 Mas não vejo Glaura bella:
 E sem ella... ah que eu deliro,
 E suspiro sem cessar!*

Verdes chôpos, verdes faias
 Move Zefiro brincando:
 Loiras Nynfas vem nadando
 Estas praias a beijar.

Vejo candidos amores,
 Vejo graças melindrosas,
 E as abelhas preciosas,
 Que nas flores vem pouisar.

*Das-me, Amor, o que desejo;
 Mas não vejo Glaura bella:
 E sem ella... ah que eu deliro,
 E suspiro sem cessar!*

Os prazeres mais suaves
Aqui voão noite, e dia:
Ouço em vozes da alegria
Ternas aves modular.

Os agrados innocentes,
Que só vio a idade de oiro,
Nesta gruta o feu thesoiro
Vem contentes derramar.

*Das-me, Amor, o que deseja;
Mas não vejo Glaura bella:
E sem ella... ab que eu deliro,
E suspiro sem cessar!*

Este bosque afortunado,
Que delicias mil ajunta,
Seja embora o de Amathunta
Dedicado á Tutelar.

Voltarei , amor piedoso ,
A' minha aspera montanha :
Lá , se a Nynfa me acompanha ,
Vou ditoso respirar .

*Das-me , Amor , o que desejo ;
Mas não vejo Glaura bella :
E sem ella ... ab que eu deliro
E suspiro sem cessar !*



OS SEGREDOS DE AMOR.

Rondó XLI.

*V*I Cupido , ó Glaura , bum dia ,
Em que ardia o Sol no prado ,
E sentado entre arvoredos
Mil segredos me mostrou .

Suspirei ao ver nas flores
A desgraça, e a ventura:
E inda mais quando a ternura,
E os amores me afirmou.

Penso então absorto, e mudo
Nos encantos da belleza,
Que risonha a natureza
Sobre tudo derramou.

*Vi Cupido, ó Glaura, hum dia,
Em que ardia o Sol no prado,
E sentado entre arvoredos
Mil segredos me mostrou.*

Entendi o som constante
Deste rio gracioso,
E o do Zéfiro saudoso,
Fino amante, me agradou.

Esta fonte despenhada
Tãobem geme, tãobem chora,
E dos troncos, que enamora
Apartada se queixou.

*Vi Cupido, ó Glaura, hum dia,
Em que ardia o Sol no prado,
E sentado entre arvoredos
Mil segredos me mostrou.*

Se me vês enternecido
Ao rolar o pombo, attende,
Que a minha alma a vóz lhe entende;
Pois Cupido me ensinou.

Frio peixe, bruta fera,
Veloz ave... ah quanto existe
Ao amor em vão resiste,
Que na esfera triunfou.

*Vi Cupido, ó Glaura, hum dia,
Em que ardia o Sol no prado,
E sentado entre arvoredos,
Mil segredos me mostrou.*

Ternos votos elle inflamma
Em ardor suave, e puro:
Corações de bronze duro
N'outra chamma incendiou.

E sabendo, que estes valles
Só me dão crueis abrolhos,
Co' a doçura dos teus olhos
Os meus males abrandou.

*Vi Cupido, ó Glaura, hum dia,
Em que ardia o Sol no prado,
E sentado entre arvoredos,
Mil segredos me mostrou.*



O BOSQUE DEDICADO AOS AMORES.

Rondó XLII.

*D*Uros troncos, verde prado,
Matizado de mil flores,
Aos Amores vos dedico,
E aqui fico a suspirar.

Doce Amor aqui me inflamma,
Descobrando os seus segredos:
Eu ouvi entre os rochedos
Nova chamma a preparar.

Quiz fugir por estes valles;
Receei, que elle me visse:
E risonho então me disse,
„ Vou teus males abrandar. „

*Duros troncos , verde prado ,
Matizado de mil flores ,
Aos Amores vos dedico ,
E aqui fico a suspirar.*

Este Rio vagaroso ,
Que enamora as altas penhas ,
Apartando-se das brenhas ,
Vai faudoso para o mar.

Nesta gruta amor inspira
Cs desejos mais suaves :
Sobre a planta , sobre as aves
Vôa , e gira sem cessar.

*Duros troncos , verde prado ,
Matizado de mil flores ,
Aos Amores vos dedico ,
E aqui fico a suspirar.*

Nasce aqui mimoso o trevo,
 E o serpão, e a mangerona:
 Os tributos de Pomona,
 Mal me attrevo a numerar.

Bella, candida, innocente
 A alegria sem queixumes
 Os pezares, e os ciumes
 Não consente aqui chegar.

*Duros troncos, verde prado;
 Matizado de mil flores,
 Aos Amores vos dedico,
 E aqui fico a suspirar.*

Co's prazeres, co' a ternura,
 Co' as delicias da floresta:
 Glaura vem no ardor da festa
 A frescura respirar.

Deixarei aqui gravada
 Breves cifras amorosas,
 E estes lirios, e estas rosas,
 Que enlaçadas ha de achar.

*Duros troncos, verde prado,
 Matizado de mil flores,
 Aos Amores vos dedico,
 E aqui fico a suspirar.*



O A M O R.

Rondó XLIII.

MEu peito se inflamma;
 O' Nynfa, soccorro,
 Piedade, que eu morro
 Na chamma de Amor.

Se os dias serenas
Com doces victorias,
Serão sempre glorias
As penas de Amor.

Enxuga o meu pranto;
Que fragoas accende:
O Ceo já se offende
De tanto rigor.

Triunfe a ternura
Nas cordas da lyra;
Que branda me inspira
Doçura de Amor.

Dá fim aos desgostos
Que nutre o receio,
E aníma em teu seio
Os gostos de Amor.

*Enxuga o meu pranto ,
Que fragoas accende:
O Ceo já se offende
De tanto rigor.*

Por ver, que te agrava
Meu terno gemido ,
O tinha escondido
Na aljava de Amor.

Mas entre pezares
Suspira, e te roga
Conforto, e se affoga
Nos mares de Amor.

*Enxuga o meu pranto ;
Que fragoas accende:
O Ceo já se offende
De tanto rigor.*

Cantou passarinho
Com voz lisongeira,
Que vio na mangueira
O ninho de Amor.

Alegra os rochedos,
E aprende desta ave
No canto suave
Segredos de Amor.

*Enxuga o meu pranto,
Que fragoas accende:
O Ceo já se offende
De tanto rigor.*

O monte me escuta,
Respondem as brenhas,
Que busque nas penhas
A gruta de Amor.

As magoas contemplo
E a dor, que me cança:
Envio a Esperança
Ao templo de Amor.

*Enxuga o meu pranto,
Que fragoas accende:
O Ceo já se offende
De tanto rigor.*

Vem ver nestes valles
Os mimos de Flora,
E o triste, que chora
Os males de Amor.

Respire a minha alma,
Que geme, que espera:
E ganhe em Cythera
A palma de Amor.

*Enxuga o meu pranto ,
Que fragoas accende :
O Ceo já se offende
De tanto rigor.*

Se amante annuncias
Prazeres ditosos ;
Serão preciosos
Os dias de Amor.

Ah deixa os rigores ,
Dar-te hei , Glaura bella ,
Em nova capella
Mil flores de Amor.

*Enxuga o meu pranto ,
Que fragoas accende :
O Ceo já se offende
De tanto rigor.*

A' AUZENCIA.

Rondó XLIV.

MUsgosa, e fria gruta,
Sombrios arvoredos,
De vós os meus segredos
Confia o terno Amor.

*Ouvi, ó duras penbas ;
Ouvi a minha dor.*

Chorando a bella Glaura
Me teve nos seus braços:
Ah! que tão doces laços
Não vio já mais o amor.

Naquelle triste dia
Morreo minha esperança;
Deixando na lembrança
Mais vivo o meu ardor.

*Ouvi , ó duras penbas ,
Ouvi a minha dor.*

Eu vi nadar em pranto
Aquelles olhos bellos ,
E soltos os cabellos ,
Comque brincava Amor.

Já rouca suspirando
De magoa , e de ternura ,
Co' a mão no peito jura
O mais constante ardor.

*Ouvi , ó duras penbas ,
Ouvi a minha dor.*

Nas vêas géla o fangue,
Se choras Glaura afflicta:
O coração palpita,
E foge a viva côr.

Funesta desventura!
Cruel, impio desterro!
Porque de bronze, ou ferro
Me não formaste, Amor?

*Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dor.*

Por mim nos verdes troncos
Seu nome foi gravado;
Crescia o nome amado;
Crescia o meu amor.

Agora entre suspiros
Na funebre espeffura
Lamento a forte escura...
Ai, misero Pastor!

*Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dor.*

Nas Libycas areas,
Ou sobre as neves frias,
Com ella alegre os dias
Passára sem temor.

Mas longe dos seus olhos,
Me affusta a morte avara,
E o mar, que nos separa,
Separa o nosso amor.

*Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dor.*

Sonôra , e branda Lyra
Das Musas temperada ,
Aqui serás deixada
Por victima de Amor.

*Ouvi , ó duras penhas ,
Ouvi a minha dor.*



OS SUSPIROS.

Rondó XLV.

SE algum dia , Glaura bella ,
Visitar estes retiros ;
Ouça os miseros suspiros ,
Que infeliz entrego ao ar.

Seja este aspero rochedo
Quem repita as minhas mágoas;
E o ruído destas agoas
Quem lhe pinte o meu pesar.

*Ab! conserva, Amor, que ouviste
O meu triste suspirar.*

Guarda amante, e compassiva
Flebil Echo, que me escutas,
Na aspereza destas grutas
Retratado o meu penar.

Aqui Glaura pela tarde
Que decline a calma espera,
Qual a Deosa de Cythéra,
Quando sahe do fundo mar.

*Ab! conserva, Amor, que ouviste
O meu triste suspirar.*



A LYRA DESGRAÇADA.

Rondó XLVI.

N Este Loiro pendurada
Ficarás , ó doce Lyra ,
Onde o vento , que respira ,
Te fará soar de amor.

Féras , troncos , e rochedos
Já moveste de ternura ;
Só de Glaura sempre dura
Não abrandas o rigor.

*Adeos , Lyra desgraçada ,
Consagrada ao triste Amor.*

Plantei na alma o puro agrado,
 Que pendia dos teus olhos;
 Vi nascer crueis abrolhos,
 Em lugar do terno amor.

Estes bosques, estas fontes,
 Estas flores, este prado,
 Tudo (oh! Ceos) vejo mudado;
 Tudo fente a minha dor.

*Adeos, Lyra desgraçada,
 Consagrada ao triste Amor.*



AS GRAÇAS.

Rondó XLVII.

SE apparece Glaura bella,
 Vejo as Graças melindrosas,
 Que jasmims, lyrios, e rosas
 Desfolhando alegres vem.

O prazer dissipa as magoas,
Os desgostos, e os ciumes:
Enche o ar de mil perfumes,
Que nas brancas azas tem.

*Leva, Amor, os meus gemidos
Aos ouvidos do meu bem.*

De vós, Dryades formosas,
Saiba Glaura os meus amores;
Dai-lhe conchas, dai-lhe flores,
Dai-lhe lagrimas tão bem.

Ah! pintai-lhe nesta fonte
Qual será minha ventura,
Se nos braços da ternura
Deixa amante o seu desdem.

*Leva, Amor, os meus gemidos
Aos ouvidos do meu bem.*



A MAGOA.

Rondó XLVIII.

H Amadryade me disse,
Que fugisse deste monte;
E na fonte, e na floresta
Vi funesta a minha dor.

Sobre nuvens, e entre raios,
Oh que monstro! a Febre vinha;
E na mão por lanças tinha
Os desmaios, o terror.

Mais cruel a morte a segue,
Espantosa, feia, e dura,
Que só victimas procura,
Em que empregue o seu furor.

*Hama dryade me disse,
Que fugisse deste monte,
E na fonte, e na floresta
Vi funesta a minha dor.*

Geme o pallido desgosto,
Envolvido em negro manto:
Geme, e chora, e no seu pranto
Cobre o rosto o triste Amor.

Tudo, ó Ceos! tudo me affusta
Temo... ai Nynfa desgraçada!
Temo Estrella sempre irada,
Sempre injusta em seu rigor.

*Hamadryade me disse,
Que fugisse deste monte,
E na fonte, e na floresta
Vi funesta a minha dor.*

Cede Glaura, ó campo! ó lares!
 Cede aos miseros destinos,
 E em seus olhos crystalinos
 Dos pezares vejo a cor.

Onde estão os doces laços?
 Onde estão? ah! ver não quero!
 Ai de mim! que mais espero
 Já nos braços do pavor!

*Hamadryade me disse;
 Que fugisse deste monte,
 E na fonte, e na floresta
 Vi funesta a minha dor.*

O lamento, a mortal ancia
 Me acompanhão nestes valles,
 E esmorece em tantos males
 A constancia, e o valor.

Se te occulta a terra fria;
 Que farei nestes retiros?
 Ouve, ó Glaura, ouve os suspiros,
 Que te envia o teu pastor.

*Hamádryade me disse,
 Que fugisse deste monte,
 E na fonte, e na floresta
 Vi funesta a minha dor.*



O R I O.

Rondó XLIX.

Chora o Rio entre arvoredos,
 Nos penedos recostado:
 Chora o prado, chora o monte,
 Chora a fonte, a praia, o mar:

Vem as Graças lagrimosas,
E os Amores sem ventura
Nesta fria sepultura
Pranto, e rosas derramar.

Por ti, Glaura, a Natureza
Se cobrio de magoa, e luto:
Quanto vejo, quanto escuto
He tristeza, e he pezar.

*Chora o Rio entre arvoredos;
Nos penedos recostado:
Chora o prado, chora o monte,
Chora a fonte, a praia, o mar.*

A escondida, aspera furna
Deixão fatyros agrestes,
E de lúgubres cyprestes
Vem a urna circular.

Vem fraudades , vem delirios ,
Vem a dor , vem o desgosto
Co' cabellos sobre o rosto
Murta , e lyrios espalhar.

*Chora o Rio entre arvoredos ,
Nos penedos recostado :*
*Chora o prado , chora o monte ,
Chora a fonte , a praia , o mar.*

Nestes ramos flebil' aura
Triste v'oa , e preza gira :
Glaura aqui , e al'í suspira ,
Torna *Glaura* a suspirar.

Echo , as Dryades mag'oa ,
O faudofo nome ouvindo ;
E na gruta repetindo ,
Glaura s'oa , e geme o ar.

*Chora o Rio entre arvoredos ,
Nos penedos recostado :
Chora o prado , chora o monte ,
Chora a fonte , a praia , o mar .*

Glaura , ó Morte enfurecida ,
Espirou . . . que crueldade !
E podeste sem piedade
Sua vida arrebatat ?

Cahe a noite , a nevoa grossa
Turba os Ceos co' manto escuro ;
E eu afflicto em vão procuro
Quem me possa consolar .

*Chora o Rio entre arvoredos ,
Nos penedos recostado :
Chora o prado , chora o monte ,
Chora a fonte , a praia , o mar .*



A L U A.

Rondó L.

*Como vens tão vagarosa,
O formosa, e branca Lua!
Vem co' a tua luz serena
Minha pena consolar.*

Geme (oh Ceos!) mangueira antiga
Ao mover-se o rouco vento,
E renova o meu tormento,
Que me obriga a suspirar.

Entre pallidos desmaios
Me achará teu rosto lindo,
Que se elleva, reflectindo
Puros raios sobre o mar.

*Como vens tão vagarosa,
O' formosa, e branca Lua!
Vem co' a tua luz serena
Minha pena consolar.*

Sente Glaura mortaes dores :
Os prazeres se occultarão ,
E no feio lhe ficarão
Os Amores a chorar.

Infeliz ! sem lenitivo
Foge tímida a esperança ,
E me afflige co' a lembrança
Mais activo o meu pezar.

*Como vens tão vagarosa ,
O' formosa , e branca Lua !
Vem co' a tua luz serena
Minha pena consolar.*

A cançada fantasia
Nesta triste escuridade,
Entregando-se á faudade,
Principia a delirar.

Já me assaltão, já me ferem
Melancolicos cuidados!
São espectros esfaimados,
Que me querem devorar.

*Como vens tão vagarosa,
O' formosa, e branca Lua!
Vem co' a tua luz serena
Minha pena consolar.*

Oh que lugubre gemido
Sahe daquelle cajueiro!
He do passaro agoureiro
O sentido lamentar!

Puro Amor!.. terrivel forte!..
 Glaura bella!.. infauſto agoiro!..
 Ai de mim! e o meu theſoiro,
 Impia Morte, has de roubar!

*Como vens tão vagarosa,
 O' formosa; e branca Lua!
 Vem co' a tua luz serena
 Minha pena consolar.*

◆————◆

A D O R.

Rondó LI.

*V*ive, ó Glaura, nestes valles
 De meus males a memoria:
 Muda historia, que me pinta
 Nunca extincta a magoa, a dôr.

Torno a ver este alto monte,
E os antigos arvoredos :
Torno a ver estes rochedos,
E da fonte o puro humor.

Companheira das desgraças,
Tudo a morte desfigura :
Já voarão co' a ventura
Ternas graças , brando Amor.

*Vive, ó Glaura, nestes valles
De meus males a memoria :
Muda historia, que me pinta
Nunca extincta a magoa, a dôr.*

O meu canto harmonioso
Estes bosques aprenderão,
Quando as Nynfas prometterão
Fim ditoso ao meu ardor.

Onde , ó barbaro destino ,
Onde estão as vãs promessas ?
Na minha alma as deixa impressas ,
O ferino teu rigor.

*Vive , ó Glaura , nestes valles
De meus males a memoria :
Muda historia , que me pinta
Nunca extinta a magoa , a dór.*

Amoroso os meus tributos
Neste ramo pendurava :
Eu fugia , e Glaura achava
Ora os fructos , ora a flor.

Hoje , ó Ceos ! o meu espanto
Nestes funebres retiros
Vê faudades , vê suspiros ,
Triste pranto , e feio horror.

*Vive, ó Glrura, nestes valles
De meus males a memoria:
Muda historia, que me pinta
Nunca extinta a magoa, a dôr.*

Nunca extinta!.. ingrata Estrella!
Nunca mais eu hei de ver-te?
Ai de mim! e ha de perder-te,
Glaura bella, o teu Pastor?

Só tu, Dryade, me escutas,
Encoitada ao duro tronco!
E gemendo o Fauno bronco
Enche as grutas de pavor.

*Vive, ó Glaura, nestes valles
De meus males a memoria:
Muda historia, que me pinta
Nunca extinta a magoa, a dôr.*

◆ —◆
A R O S E I R A .

Rondó LII.

*AH! Roseira desgraçada
Dedicada aos meus Amores ,
Tuas flores mal se abrirão ,
E cabirão de pezar!*

Quando Glaura me dizia,
Que era sua esta roseira,
De esperança lisongeira
Me sentia consolar.

Mas a sorte, que invejosa
Este alivio não consente,
Não ha mal, que não invente
Rigorosa em maltratar.

*Ab! Roseira desgraçada ,
Dedicada aos meus Amores ,
Tuas flores mal se abrirão ,
E cabirão de pesar!*

Da risonha Primavera
Esperei os dias bellos:
Glaura... oh dôr! os teus cabellos
Quem podéra coroar.

Já não vives, oh! que magoa!
E a roseira, que foi tua,
Eu a vejo esteril, nua,
Junto d' agoa desfaiar.

*Ab! Roseira desgraçada ,
Dedicada aos meus Amores ,
Tuas flores mal se abrirão ,
E cabirão de pesar!*

Parca iniqua , atroz , funesta ,
 Era teu o infausto agoiro ;
 Já levaste o meu thesoiro ,
 Mais não resta , que roubar .

Nem as flores permittiste . . .
 Oh ! que barbara impiedade !
 Fica só cruel faudade ,
 Fica o triste suspirar .

*Ab ! Rofeira desgraçada ,
 Dedicada aos meus Amores ,
 Tuas flores mal se abrirão ,
 E cabirão de pezar !*

De teus ramos a belleza
 Era o mimo destes prados ;
 Move agora (ó impios Fados !)
 De tristeza a lamentar .

Horrorofos são meus males ;
 Tudo encontro em nevoa escura ;
 Vem comigo a Desventura
 Estes valles affombrar.

*Ab! Roseira desgraçada ,
 Dedicada aos meus Amores ,
 Tuas flores mal se abrirão ,
 E cabirão de pezar !*



ORFEO.

Rondó LIII.

*Quando a Esposa procuraste ,
 Abandaste o Reino triste ;
 E inda viste a formosura
 Sem ventura , ó doce Orfeo.*

O trifauce Cão raivoso
T' escutou cheio de espanto:
O inflexível Rhadamanto
Lagrimoso se moveo.

Cahe das mãos o fio á Parca:
Ergue atroz Megera a fronte:
Tua dôr sentio Charonte,
E da barca s' esqueceo.

*Quando á Esposa procuraste ;
Abrandaste o Reino triste,
E inda viste a formosura
Sem ventura , ó doce Orfeo.*

Cóme Tántalo esfaimado:
De Ixion se aparta o medo:
Deixa Sizyfo o rochedo,
E sentado adormeceo.

Não temeste o vulto afflicto
Da tartarea antiga Noite,
Que medonha o ferreo açoite
No Cocyto suspendeo.

*Quando a Esposa procuraste,
Abrandaste o Reino triste,
E inda viste a formosura
Sem ventura, ó doce Orfeo.*

A pezar do fero damno,
Só Eurydice buscavas:
Só Eurydice choravas,
E Summano a concedeo.

Tu a vês faudoso, e terno;
Ah! cruel, e vão prodigio!
Foge a sombra pelo Estygio,
E no Averno em fim gemeo.

*Quando a Esposa procuraste ,
Abrandaste o Reino triste ,
E inda viste a formosura
Sem ventura , ó doce Orfeo.*

Glaura aqui... aqui se esconde
Vida , amor , gosto , e belleza ..
Glaura !... oh Ceos ! mortal tristeza
Me responde já morreo.

Mas infausta a morte gira
Sempre surda a meu lamento ;
E de mágoa , e de tormento
Rouca a lyra emmudeceo.

*Quando a Esposa procuraste ,
Abrandaste o Reino triste ,
E inda viste a formosura
Sem ventura , ó doce Orfeo.*



A A R V O R E.

Rondó LIV.

A Deos, arvore frondosa,
 Venturosa em toda a idade!
 O' saudade! ó pena! eu morro
 Sem soccorro a delirar.

Deste bosque alto, e sombrío
 Sobre a margem da floresta
 Vinha Glaura pela fésta
 Valle, e rio enamorar.

Tua Dryade a chamava,
 O' mangueira, ó dias bellos!
 E entre pomos amarellos
 Me esperava a suspirar.

*Adeos , arvore frondosa ,
Venturosa em toda a idade !
O' saudade ! ó pena ! eu morro
Sem soccorro a delirar .*

Quando o vento estremecia
Nessa rama verde eicura ,
Glaura chea de ternura
Se affligia de esperar .

Os teus fructos merecerão
Ser por ella preferidos ,
E o meu pranto , e os meus gemidos
A souberão abrandar .

*Adeos , arvore frondosa ,
Venturosa em toda a idade !
O' saudade ! ó pena ! eu morro
Sem soccorro a delirar .*

Morte iniqua... ai, Fado escuro!
Ceo piedoso! eu esmoreço!
Tudo fente o que eu padeço;
Quanto he duro o meu penar!

Onde eu via as tenras flores
Vejo cardos, vejo espinhos:
Já não ouço os passarinhos
Seus amores gorgear.

*Adeos, arvore frondosa,
Venturosa em toda a idade!
O' saudade! ó pena! eu morro
Sem socorro a delirar.*

Ai de mim! ó vida triste!
Dôr cruel! terna lembrança!
Acabou minha esperança,
Só existe o meu pezar.

Glaura ! ah ! Glaura ! em vão te chamo !
 Chora amor , e quasi espira ,
 E me manda a doce Lyra
 Neste ramo pendurar .

*Adeos , arvore frondosa ,
 Venturosa em toda a idade !
 O' saudade ! ó pena ! eu morro
 Sem soccorro a delirar .*



AS CORDEIRINHAS.

Rondó LV.

Cordeirinhas innocentes ,
 Descontentes na espessura ,
 A ventura já perdemos ,
 Começemos a morrer .

Pôde, ó Glaura, o fatal dia
Arrancar-te dos meus braços!
Ai amor, ai ternos laços
Onde eu via o meu prazer.

Só por Glaura se alegravão
Faunos, Dryades, Pastores:
Estes campos, estas flores
Respiravão só de a ver.

*Cordeirinhas innocentes,
Descontentes na espedura,
A ventura já perdemos,
Comecemos a morrer.*

Neste misero destroço
Vem, ó Parca endurecida,
Córta os fios d' huma vida,
Que não posso já soffrer.

O silencio triste, e mudo
Vive nesta soledade,
Viue a funebre faudade,
Que faz tudo enternecer.

*Cordeirinhas innocentes,
Descontentes na espessura,
A ventura já perdemos,
Comecemos a morrer.*

Geme Glaura; mas não chora,
Ai de mim! que o seu gemido,
Na minha alma repetido
Inda agora a faz tremer.

Quasi immovel, e turbada
Co' a mão trémula m' acena;
Eu a vejo, ó Ceos, que pena!
Descorada esmorecer.

*Cordeirinhas innocentes ,
Descontentes na esphura ,
A ventura já perdemos ,
Comecemos a morrer.*

Disse em fim : „ Adeos , ó Prados ,
„ Ah Pastor ! as crias bellas . . .
„ Que momento ! . . ah ! possão ellas
„ Teus cuidados merecer !

Falta a voz . . . não lhe permite
Fria morte ; acerbas mágoas !
Já meus olhos não tem agoas ,
Nem limite o padecer.

*Cordeirinhas innocentes ,
Descontentes na esphura ,
A ventura já perdemos ,
Comecemos a morrer.*



A' MORTE.

Rondó LVI.

O Prazer , a singeleza ,
A belleza , que em ti via ,
N'um só dia (ingrata sorte !)
Tudo a morte me roubou.

Esculpido na memoria
Amo , ó Glaura , o teu semblante ;
Nelle vejo a cada instante
Essa gloria , que passou.

Volve o rio as puras agoas ,
Vai correndo , e não descança ;
Assim foi minha esperança ,
E só mágoas me deixou.

O prazer, a singeleza,
A belleza, que em ti via,
N'um só dia (ingrata sorte !)
Tudo a morte me roubou.

Neste bosque, em verde leito,
Que já foi por ti ditoso,
Leio o nome teu saudoso,
Que em meu peito o amor gravou.

Este monte, que já viste
Pelas Graças habitado,
Dellas hoje desprezado,
Feio, e triste se tornou.

O prazer, a singeleza,
A belleza, que em ti via,
N'um só dia (ingrata sorte !)
Tudo a morte me roubou.

Glaura chamo sem conforto,
 E só Echo me responde:
 Glaura busco, e não fei onde,
 Nem se morto, ou vivo estou.

Assim triste passarinho
 A consorte em vão procura,
 Que farpada setta dura
 Do seu ninho arrebatou.

*O prazer, a singeleza,
 A belleza, que em ti via,
 N'um só dia (ingrata sorte!)
 Tudo a morte me roubou.*

Voráz tempo não consome,
 Nem abranda meus pezares,
 Nem eu deixo estes lugares
 Que o teu nome eternizou.

Entre os concavos rochedos
 Chorarei enternecido,
 Onde amor compadecido
 Meus segredos sepultou.

*O prazer, a singeleza,
 A belléza, que em ti via,
 N'um só dia (ingrata sorte !)
 Tudo a morte me roubou.*

◆ ————— ◆

A SAUDADE.

Rondó LVII.

Tudo, ó Glaura, tudo existe
 Feio, e triste de saudade:
 Vôa a idade, e não consome
 O teu nome, e o meu amor.

Ai de mim! a noite escura
Pavorosa o som das agoas!
Turbarei co' as minhas magoas
Delta gruta o mudo horror.

Vem, ó morte, eu não m' espanto;
Vem cruel, armada, e fera:
Rouco, e funebre te espera
O meu pranto, a minha dôr.

*Tudo, ó Glaura, tudo existe
Feio, e triste de saudade:
Vôa a idade, e não consome
O teu nome, e o meu amor.*

Entre as mãos do Fado acerbo
Eu te vi desfalecida,
Qual a Pomba já ferida.
Do soberbo, iniquo Açor.

Tal a ovelha mais formosa
Levas , tigre enfanguentado :
Assim rompes , tosco arado ,
A mimosa , e tenra flor.

*Tudo , ó Glaura , tudo existe
Feio , e triste de saudade :
Vôa a idade , e não consome
O teu nome , e o meu amor.*

Com pezar , e com desgosto
Espirou minha alegria
Quando (ó Ceos !) no infauto dia
O teu rosto vi sem côr.

Os teus olhos... ah ! que eu sinto
Mais intensa a magoa dura !
Eu os vi em sombra escura ,
Já extinto o esplendor.

*Tudo, ó Glauri, tudo existe
 Feio, e triste de saudade;
 Voa a idade, e não consome,
 O teu nome, e o meu amor.*

Sobre a penha afflicto, e terno
 Gravarei funesta historia;
 E das Nynfas na memoria
 Fique eterno o meu ardor.

Cercarei de róxos lyrios
 O lugar em que descanças;
 Ai, perdidas esperanças,
 Vãos delirios do Pastor!

*Tudo, ó Glaura, tudo existe
 Feio, e triste de saudade;
 Voa a idade, e não consome
 O teu nome, e o meu amor.*



O SOL.

Rondó LVIII.

*Quando vejo o Sol doirado
Desmaiado sobre as agoas,
Crescem magoas n'alma afflicta,
E palpita o coração.*

Oh! memoria! oh! desventura!
Glaura aqui se demorava,
E comigo respirava
A frescura no verão.

Infeliz! já nestes montes
Deu á Parca o seu tributo;
Com faudade, e eterno luto
Estas fontes choraráo.

*Quando vejo o Sol doirado
Desmaiado sobre as agoas ,
Crescem magoas n'alma afflicta ;
E palpita o coração.*

Rizos , Graças (que tormento !)
Destes valles se apartarão ,
E fugindo , me deixarão
Só lamento , e confusão.

Falta ás Dryades mimosas
A belleza , que perderão ;
Pelos troncos se esconderão. . .
Lágrimas inda estão !

*Quando vêjo o Sol doirado
Desmaiado sobre as agoas ,
Crescem magoas n'alma afflicta ;
E palpita o coração.*

Ah! depois que meus amores
Virão Glaura em ferreo somno,
Não me alegra mais o Outono,
Nem das flores a Estação.

Busco fúnebres lugares
Nos penhascos defabridos:
Levo a dôr, levo gemidos,
E pezares, e afflicção.

*Quando vejo o Sol doirado,
Desmaiado sobre as agoas,
Crescem magoas n' alma afflicta,
E palpita o coração.*

He tão barbaro, e tão fero
O rigor da minha sorte;
Que a funesta, e furda morte
Triste espero, e chamo em vão.

Doce amor! ah! que esta pena
Meus prazeres não reftaura;
Ou me torna a linda Glaura,
Ou modera tal paixão.

*Quando vejo o Sol doirado,
Desmaiado sobre as agoas,
Crescem magoas n' alma afflieta,
E palpita o coração.*



A LYRA.

Rondó LIX.

A Deos, Lyra; a mão cançada
Pendurada aqui te deixa,
E se queixa da ventura;
Ai, ternura! ai, doce Amor!

Já o Anfriso em rude teto
Te escutou, ó Lyra d' oiro,
Quando vio o moço loiro,
Que de Admeto foi Pastor.

Pelas grutas esquecido,
Mudo satyro te ouvia:
Brando zèfiro attendia,
Suspendido, e sem rumor.

*Adeos, Lyra; a mão cansada
Pendurada aqui te deixa,
E se queixa da ventura;
Ai, ternura! ai, doce Amor!*

Arrojado ao pego turvo,
Arion harmonioso
Foi contigo venturoso
Sobre o curvo nadador.

Vio nos humidos lugares
Entre a turba sem limite,
Glaura, Doris, e Anfitrite,
E dos mares o senhor.

*Adeos, Lyra; a mão cansada
Pendurada aqui te deixa,
E se queixa da ventura;
Ai, ternura! ai, doce Amor!*

C'os teus fons, mais do que humano
Commoveo os duros troncos,
Arrastou rochedos broncos
O Thebano fundador.

Tu venceste o carrancudo,
Negro Averno, sempre afflicto;
E abrandaste do Cocyto
O sanhudo ladrador.

*Adeos, Lyra; a mão cansada
Pendurada aqui te deixa,
E se queixa da ventura;
Ai, ternura! ai, doce Amor!*

Geme agora; se he que villo
Espirar... e nos meus braços...
Glaura... oh! Ceos! oh! puros laços!
Dia triste! horrivel dor!

Rouca a voz... o peito frio...
Vista incerta... ai, Glaura! oh! forte!
Tremo... choro... insulto a morte,
Desafio o seu rigor.

*Adeos, Lyra; a mão cansada
Pendurada aqui te deixa,
E se queixa da ventura;
Ai, ternura! ai, doce Amor!*

Madrigal I.

SUave fonte pura,
 Que desces murmurando sobre a arêa,
 E, sei que a linda Glaura se recrea
 Vendo em ti de seus olhos a ternura:
 Ella já te procura;
 Ah! como vem formosa, e sem desgosto!
 Não lhe pintes o rosto:
 Pinta-lhe, ó clara fonte, por piedade
 Meu terno amor, minha infeliz saudade.

II.

Nynfas, e bellas Graças,
 O Amor se occulta, e não sabeis aonde:
 As vossas ameaças
 Elle ouve, espreita, ri-se, e não responde.
 Mas, ah! cruel! e agora me traspallas?
 Nynfas, e bellas Graças, (de;
 O Amor se occulta; eu já vos mostro aonde
 Neste peito (ai de mim!) o Amor se es-
 (conde.

III.

III.

Voai, suspiros tristes ;
 Dizei á bella Glaura o que eu padeço,
 Dizei o que em mim vistes,
 Que choro, que me abraço, que esmoreço.
 Levai em rôxas flores convertidos
 Lagrimosos gemidos, que me ouvistes :
 Voai, suspiros tristes ;
 Levai minha saudade ;
 E, se amor, ou piedade vos mereço,
 Dizei á bella Glaura o que eu padeço.

IV.

Dryade, tu, que habitas amorosa
 Da mangueira no tronco áspero, e duro,
 Ah ! recebe piedosa
 A grinalda, que terno aqui penduro ;
 Pela tarde calmosa
 Glaura saudosa, e bella
 Te busca, e vem com ella mil amores ;
 Mil suspiros te deixo entre estas flores.

V.

Folha por folha , e cheio de ternura
 Beijarei esta Angelica mimosa ,
 Beijarei esta Rosa, (fura.
 Que hão de adornar de Glaura a formo-
 Ah ! ventura ! ventura,
 Comigo sempre esquiva ,
 Mostra-te compassiva a meus amores.
 Beije Glaura estas flores ,
 E os encontrados beijos
 Dêm novo, e puro ardor a meus desejos.

VI.

Neste áspero rochedo ,
 A quem imitas, Glaura sempre dura ,
 Gravo o triste segredo
 D' hũ amor extremo, e sem ventura.
 Os Faunos da espessura
 Com sentimento agreste
 Aqui meu nome cubrão de cypreste ;
 Ornem o teu as Nynfas amorosas
 De goivos, de jasmins, lyrics, e rosas.
VII.

VII.

O' sombra deleitosa ,
 Onde Glaura se abriga pela fésta , (ta,
 Em quanto o ardor do Sol os prados cré-
 Ah! defende estes lyrios , e esta rosa.

E, se a Nynfa mimosa
 Perguntar quem colheo as lindas flores,
 O' sombra deleitosa,
 Dize-lhe que os amores
 E a tímida ternura
 Do Pastor namorado , e sem ventura.

VIII.

Adeos , ó doce lyra ;
 Ficarás neste ramo pendurada.
 Ao vento , que suspira,
 Responda a tua voz triste , e cançada.
 Já foste dedicada
 Ao puro Amor , ás Graças melindrosas :
 Ellas gemem saudosas ,
 E o misero Pastor chorando e suspira.
 Adeos , ó doce lyra ,
 Fiel , e desgraçada ;
 Ficarás neste ramo pendurada.

IX.

IX.

O' Mangueira feliz , verde , e sombria ,
 Conserva estes de amor fiéis tributos ;
 Assim no sêcco Agosto a nevoa fria
 Não venha destruir teus novos frutos.

He este o fausto dia ,
 Que vio nascer de Glaura a formosura :
 Chegue aos Ceos a ternura
 Deste vóto sincero ;
 E alegre eu ver espero ,
 Que triunfem da forte, e de seus damnos
 A belleza , o amor , a gloria , os annos.

X.

Dias infaustos , dias de ventura
 Notou antigo povo , ó Glaura bella :
 Huns louváo sua estrella ;
 Outros chamáo a forte ingrata , escura.
 Minha estrella benigna , ou forte dura
 Dos teus olhos depende :
 Amor o sabe , e quem de amor entende ;
 Pois nã póde haver dia venturoso ,
 Sem padeço faudoto ;
 Sem dia desgraçado,
 Se consigo feliz teu doce agrado.

XI

XI.

Basta , basta : encalhemos ,
 Sem fortuna , e sem gloria
 Leve barquinho meu, ah ! não deixemos
 De misero naufragio triste historia.

Basta , basta : encalhemos ;
 E nos muros de Gnido por memoria
 De cançadas fadigas penduremos
 As ancoras , os remos ,
 O leme destroçado , as rotas vellas ,
 Vão ludibrio das horridas procellas.

XII.

Suave Primavera ,
 Coroada de flores ,
 Oh ! quem gosar podéra
 O prazer venturoso dos Pastores !
 Constante por meu mal nos seus rigores,
 Glaura por ti suspira ,
 Ao campo se retira , e lá te espera ;
 Suave Primavera,
 Coroada de flores,
 Vem risonha alegrar os meus amores.

XIII.

Cruel melancolia ,
 Companheira infeliz da desventura ;
 Se aborreces a luz do claro dia ,
 E te alegras no horror da noite escura ,
 Minha dor te procura ,
 Pavrosa apalpando a escuridade.
 A lugubre saudade
 Te espera : ah ! não recées a alegria ,
 Cruel melancolia ,
 Cruel ingrata , e dura ,
 Companheira infeliz da desventura.

XIV.

Do teu Pastor, ó Nynfa, allegra os olhos,
 Os tristes olhos de chorar cançados :
 Não vejão só abrolhos ,
 Vejão flores também por estes prados.
 Seus miseros cuidados
 O teu rosto converte em alegria.
 Porque foges ? ah ! vem ; e neste dia
 Feliz enxugue as lagrimas , que chora.
 Serás a bella Aurora ,
 Surgindo no horifonte,
 Que annuncia prazer ao valle, e ao monte.

XV.

XV.

No ramo da mangueira venturosa
 Triste emblema de amor gravei hũ dia,
 E ás Dryades saudoso offerencia
 Os brandos lyrios, e a purpurca rosa.

Então Glaura mimosa

Chega do verde tronco ao doce abrigo...

Encontra-se comigo...

Perturbada suspira, e cobre o rosto.

Entre esperança, e gosto

Deixo lyrios, e rosas... deixo tudo;

Mas ella foge (ó Ceos!) e eu fico mudo.

XVI.

Guarda, cruel Fortuna, poderosa
 Os thesoiros de Midas, e os de Cresso;
 Ouvindo as tristes magoas, que padeço,
 Seja a insensivel Glaura mais piedosa.

Chore hũ dia saudosa,

Suspire de ternura neste prado,

E mude em doce agrado os seus rigores:

Só por estes favores

Meu coração com rogos te importuna;

Guarda, cruel Fortuna; eu não te peço

Os thesoiros de Midas, nem de Cresso.

XVII.

XVII.

Glaura, formosa Glaura estes momentos
 Como vão apressados!
 Não correrão assim entre cuidados,
 E míseros lamentos.
 Puros contentamentos,
 Que haveis de despertar minha saudade;
 Demorai por piedade
 Esta gloria de amor, esta ventura.
 Ai, suave ternura!
 Em negro carro a noite desce agora.
 E no Ceo já scintilla a branca Aurora.

XVIII.

Suave Agosto, as verdes laranjeiras;
 Vem feliz matizar de brancas flores,
 Que; abrindo as leves azas lisongeiras,
 Já Zefiro respira entre os Pastores.
 Nova esperança aleita os meus ardores
 Nos braços da ternura.
 O' dias de ventura,
 Glaura vereis á sombra das mangueiras!
 Suave Agosto, as verdes laranjeiras
 Co' a turba dos Amores
 Vem feliz matizar de brancas flores.

XIX.

O' somno fugitivo ,
 De vermelhas papoulas coroado ,
 Torna , torna amoroso , e compassivo
 A consolar hum triste , e desgraçado.
 Gemendo nesta gruta recostado ,

Sinto mortal desgosto ;
 Não vejo mais que o rosto descorado
 Da fadade, e da magoa, com que vivo ;

O' somno fugitivo ,
 Torna , torna amoroso , e suspirado
 A consolar hum triste , e desgraçado.

XX.

Não fuías , vem , ó Glaura ,
 Piedosa consolar o meu tormento.

Já terna , e feliz aura
 Brando respira o perguçoso vento :

Já cobrão novo alento
 Os duros troncos , as mimosas flores.

Co' as Graças , e os Amores
 Alegre a natureza se restaura ;

Não fujas , vem , ó Glaura ,
 Vem por hum só momento
 Piedosa consolar o meu tormento.

XXI.

XXI.

Mostras-me , ó Glaura , a bella raridade
De tres conchas formosas ;
Mas eu te mostrarei da nossa idade
Tres maravilhas raras , e extremosas ;
Não são metáes , nem pedras preciosas ,
Nem flores , que produz a Natureza :
São a tua belleza , os teus rigores ,
E os desgraçados meus fieis amores .

XXII.

Já viste sobre o mar formando giros
D' aves ligeiras turba graciosa ?
Assim vagão nos ares mil suspiros ,
O' Glaura venturosa ;
Mas se queres piedosa
Recolher o que leva as minhas dores ;
Não chames os que são de varias cores ,
Nem verdes , nem azuis , nem cor de rosa ;
Chama aquelle , que já cansado gira ,
Que espira de ternura ,
E as azas rôxas tem de magoa pura .

XXIII.

Copada Laranjeira, onde os Amores
 Virão passar de Agosto os dias bellos
 Então de brancas flores
 Adornaste risonha os seus cabellos.
 A fortuna propicia aos teus disvellos
 Annuncia feliz novos favores :
 Glaura torna : ah ! conserva lisongeira ,
 Copada Laranjeira por tributos
 Na rama verde-escura os aureos frutos.

XXIV.

Não deseio de Tempe o verde prado
 Em perpetua, e risonha Primavera :
 O valle não deseio de Cythéra
 Sempre de puros lyrios esmaltado :
 Se chego a merecer teu doce agrado,
 O' Glaura, que ventura !
 Nesta alegre espesura,
 A' sombra recoitado,
 Veio de Tempe, e de Cythera as flores,
 E as lindas Graças, e os fieis Amores.

XXV.

Suspiro lagrimoso,
 Que foges do meu peito sem ventura,
 Se queres ser ditoso,
 A bella Glaura enternecer procura.
 Mostra-lhe o doce amor, a magoa pura,
 O misero tormento,
 Cruel tristeza, e funebre lamento
 De quem morre faudofo:
 Suspiro lagrimoso,
 Se queres ter ventura,
 A bella Glaura enternecer procura.

XXVI.

Vês, Nynfa, em alva escuma o pégo irado
 Que as penhas bate com furor medonho?
 Inda o verás risonho, e namorado
 Beijar da longa praia a ruiva arêa:
 Doris, e Galatêa
 Verás em concha azul sobre estas agoas.
 Ah! Glaura! ai, tristes magoas!
 Socega o mar quando repousa o vento;
 Mas quando terá fim o meu tormento?

XXVII.

XXVII.

Neste lugar faudofo,
 O' doce Lyra, o puro amor cantemos;
 A's grutas ensinemos
 Da bella Glaura o nome venturofo.
 Ao fom do teu suspiro harmonioso
 Parou o vento: a fonte não murmura.
 Lyra... Amor... que ternura! suspiremos
 Neste lugar faudofo,
 E ás grutas ensinemos
 Da bella Glaura o nome venturofo.

XXVIII.

Crefcei, mimofas flores,
 Adornai a verdura deste prado:
 Já zefiro apparece entre os Amores
 Rifonho, e focegado:
 Da amavel Primavera o doce agrado
 Novo prazer inspira ás Graças bellas:
 Verei brincar entre ellas
 A Nynfa mais cruel nos feus rigores.
 Crefcei, mimofas flores;
 Fugio o Inverno triste, e congelado;
 Adornai a verdura deste prado.

XXIX.

Não desprezes, ó Glaura, entre estas flores
Com que os prados matiza a bella Flora

O *Jambo*, que os Amores
Colherão ao surgir a branca Aurora.

A Dryade suspira, geme, e chora
Afflicta, e desgraçada.

Ella foi despojada... os ais lhe escuto...

Verás neste tributo,
Que por sorte feliz nasceo primeiro,
Ou fructo, que roubou da rosa o cheiro,
Ou rosa transformada em doce fructo.

XXX.

Rochedo suspirado,
Conserva por piedade estes gemidos,
Até que hum dia Amor menos irado
Os leve em rôxas flores convertidos.
Serão da bella Glaura recebidos;
Mas ai, q̃ o seu rigor não tem mudança,
E até falta a esperança ao desgraçado!

Rochedo suspirado,
Já que ouviste os meus ais enternecidos,
Conserva por piedade estes gemidos.

XXXI.

XXXI.

Se eu conseguisse hũ dia o ser mudado.

Em verde Beijaflor , oh que ventura !

Desprezara a ternura

Das bellas flores no risonho prado.

Alegre , e namorado

Me verias , ó Glaura , em novos giros

Exhalar mil suspiros ,

Roubando em tua face melindrosa

O doce nectar de purpurea rosa.

XXXII.

Jasmins , e rosas tinha

Para adornar o tronco da mangueira :

A' fonte Glaura vinha ,

Escondi-me entre a rama lilongeira :

Fiquei a tarde inteira

A ver as perfeições da minha amada ;

Mas quando recoitada

Principia a cantar os meus amores ,

Deixo cahir as flores

Ella me vê , e exhala , que ventura !

Dois suspiros de amor , e de ternura.

XXXIII.

XXXIII.

Temí , ó Glaura bella , os teus rigores ,
O duro coração , e o peito esquivo :
Cessou esse motivo dos temores ,
Depois que me mostraste o puro agrado :
 Ah ! verei neste prado
Algum dia risonha a Primavera ?
Doce prazer feliz minha alma espera ;
 Mas temo a forte dura
Que inda pode roubar-me esta ventura.

XXXIV.

Ditoso , e brando vento , por piedade
Entrega á linda Glaura os meus suspiros ;
 E voltando os teus giros ,
Vem depois consolar minha laudade.
Não queiras imitar a crueldade
Do injusto amor , da triste desventura ,
Que empenhada procura o meu tormento.
 Ditoso , e brando vento ,
 Vôa dettes retiros ,
E entrega á linda Glaura os meus suspiros

XXXV.

Sonhei que o duro Amor me conduzia
 Da *Gávea* (*) ao alto cume :
 Que de lá me arrojava o fero Nume,
 E entre penêdos sobre o mar cahia.

Cruel melancolía

Desde então me apresenta esta pintura.
 Ai, Glaura ! quanto temo a desventura,
 E este sonho terrível, que ameaça
 Triste ruina, e misera desgraça !

XXXVI.

Desejos voadores,
 Levai á bella Glaura os meus gemidos ;
 Levai enternecidos mil amores

Nesta purpurea rosa :

E se a Nynfa cruel, e rigorosa
 Mostrar algum receio ;
 Ah ! deixai-lhe cahir no brando seio
 Tristes faudades, lagrimas dores.

Desejos voadores,

De puro amor nascidos,
 Levai á bella Glaura os meus gemidos.

XXXVII.

(*) Alta Serra na vizinhança do Rio de Janeiro.

XXVII.

Innocentes Pastores,
Fugi, fugi de Amor, que vos engana:]

Promette mil favores,
Em quanto aguça a setta deshumana.
Vós o vereis depois com furia insana
Corações abraçar em vivo lume:

Vereis cruel ciume,
Ancias, cuidados, magoas, e temores.

Innocentes Pastores,
Fugi, fugi de Amor, que vos engana:
C'os lindos olhos da gentil Serrana.

XXXVIII.

Aura benigna, e pura, se eu podera
Co' a magoa, em que deliro,
Mover o coração da ingrata, e fera...

Mas quem ha de levar deste retiro
O meu terno suspiro á bella Glaura?

Aura respondes, Nynfa, que me ouviste
Do seio triste dessa brenha escura.

Aura benigna, e pura,
Ah! leva o meu suspiro lagrimoso,
E chegue a ser por ti mais venturoso.

XXXIX.

XXXIX.

Fugi, tristes cuidados,
 Não he vossa de Amor a bella palma:
 Deixai-me respirar dos verdes prados
 A suave alegria em doce calma.

Não turbeis a minha alma;
 Fugi, tristes cuidados:
 Para fazer meus dias desgraçados
 Basta a cruel Fortuna,
 Cruel, iniqua, barbara, importuna.

XL.

Não tardes, bella Glaura,
 Vem colher neste prado as lindas flores:
 Os risos, e os Amores co' a leve aura
 Do Favonio suave já te esperão.

As Dryades descerão
 Deste bosque sombrio, e cuidadosas
 Te preparão jasmims, lyrios, e rosas.
 Meu triste alento, e meus fieis ardores
 C'os teus olhos restaura.

Não tardes, bella Glaura,
 Vem colher neste prado as lindas flores.

XLI.

XLI.

Em vão se esforce a ira
 Dos fugitivos, ruinosos annos;
 Isento de seus damnos
 Seja o voto de amor, que amor inspira.
 Pendente fique a lyra
 Neste ramo frondoso por memoria
 Da minha triste historia;
 Que eu não verei o fim de tantos males,
 O' Glaura! ó fonte! ó tronco! ó rio! ó
 valles!

XLII.

Glaura, mimosa Glaura, deixa o monte,
 Vem gozar a frescura deste prado:
 Cahe o Sol desmaiado
 Entre pallidas nuvens no horifonte.
 O zefiro saudoso, e namorado
 Te espera, sobre as azas suspendido;
 O meu terno gemido
 Verás triste, infeliz quasi affogado
 Nas agoas desta fonte.
 Glaura, mimosa Glaura, deixa o monte,
 Vem gozar a frescura deste prado.

XLIII.

XLIII.

Suspiros já cançados ,
 Repousai por hũ pouco entre estas flores:
 Glaura virá, e os candidos Amores
 A gofar a belleza destes prados.
 Cahe a sombra dos montes ellevados :
 Abranda o loiro Sol os seus ardores :

A flauta dos Pastores
 Respira alegre em echos alternados.

Suspiros já cançados
 Co' as minhas tristes dores,
 Repousai por hũ pouco entre estas flores.

XLIV.

Não desmaies, ó rosa ;
 Que nasceste entre espinhos escondida
 Conserva a tua purpura mimosa ,
 Até que sejas d' outra mão colhida.
 Glaura vem ; puro zefiro a convida :
 Virão com ella os Risos , e os Amores
 Colhêr no verde prado as lindas flores
 Ornarás seus cabellos venturosa :

Não desmaies , ó rosa ,
 Conserva-te escondida ,
 Até que sejas d' outra mão colhida.

XLV.

XLV.

Entre flores as Graças vi hũ dia
 A' sombra destes álamos frondosos:
 Vi suaves prazeres amorosos,
 É a Ventura, que premios repartia.
 Glaura amante me ouvia;
 Mas ah! que dessa gloria
 Só existe a memoria, e o desejo!
 Pois se Glaura não vejo neste prado,
 Meu amor desgraçado em vão procura
 As Graças, os Prazeres, e a Ventura.

XLVI.

O' garça voadora,
 Se além do golfo inclinas os teus giros,
 Ah! leva os meus suspiros
 A' mais gentil Pastora desses montes.
 Não temo q̃ te enganes; prados, fontes,
 Tudo se ri com ella;
 Não he, não he tão bella,
 Quando surge no Ceo purpurea Aurora;
 O' garça voadora,
 Se além do golfo inclinas os teus giros,
 Ah! leva por piedade os meus suspiros.

XLVII.

XLVII.

O inverno congelado
 As montanhas cobrio de aguda neve :
 Já nos humidos ares enlutado
 Co' a noite se confunde o dia breve.

Ai, Glaura! que este prado
 Despojado se vê das bellas flores!
 Os Risos, os Prazeres, e os Amores
 Chorão por ti faudosos;
 Torna a fazer meus dias venturosos:
 Ah! se a gloria de ver-te hoje tivera,
 Hoje mesmo sería a Primavera.

XLVIII.

Vem, ó Glaura mimosa,
 O abrigo destes valles te convida:
 Verás gruta escondida, e delectosa,
 Que musgola, e feliz teu nome aprende.
 Benigno o Amor defende estes oiteiros:

Não temas os chuveiros,
 Nem q' o raio estrondoso as nuvens abra,
 Tocando o Sol na *Cabra* luminosa.

Vem, ó Glaura mimosa,
 Doce ternura, e vida;
 O abrigo destes valles te convida.

XLIX.

XLIX.

Flexivel Jasmineiro,
 Cobre os teus ramos de cheirosas flores :
 Favonio lisongeiro
 Já torna a ver as Nynfas , e os Pastores.
 Glaura vem ; terno Amor , ah ! q̄ favores
 Não espera alcançar hũ puro amante ?
 Neste ditoso instante
 Foge veloz o ardente Fevereiro.

Flexivel Jasmineiro,
 Cobre os teus ramos de cheirosas flores;
 Que ellas hão de adornar os meus Amc-
 L. (res.

Ao longe a bella Glaura me apparece.
 Não sei que resplendor nos ares vejo !
 O coração , a lingua desfalece,
 Entre suspiros vò a o meu desejo !
 Em vão , em vão forcejo :
 Piedade , Amor , soccorro ;
 Que de prazer , e de ternura morro.
 E se este puro effeito ao longe sinto,
 Ao perto. . . ó Ceos ! q̄ imagens n'alma
 (pinto !

LI.

Cuidados tragadores,
 Deixai-me respirar hũ só momento;
 Que em misero lamento, e tristes dores
 Me vai fugindo a vida.

A sombra da mangueira me convida:
 O zefiro mimoso, a fonte pura,
 Tudo, tudo murmura de saudade!
 Ó doce amenidade! ó gratas flores!

Cuidados tragadores,
 Deixai-me respirar hũ só momento;
 Que eu já tórno infeliz ao meu tormento.

LII.

Em triste solidão, onde o deixarão,
 Gemia Philoctétes sem ventura:
 E só nas mesmas pontas, que o passarão,
 Do seu damno cruel estava a cura.

Assim (ai! sorte dura!)

Assim suspiro, ó Glaura, assim lamento;
 Pois no dia feliz, em que me virão,
 Teus olhos me ferirão,

E neste ardor violento
 Só teus olhos abrandão meu tormento.

LIII.

LIII.

Tu és no campo, ó Rosa,
 A flor de mais belleza
 De quantas produzio a Natureza,
 Que em tuas perfeições foi cuidadosa.
 E se Glaura formosa
 No seio dos prazeres te procura,
 Qual outra flor será de mais ventura,
 Ou mais digna de amor ou mais mimosa?
 Tu és no campo, ó Rosa,
 A flor de mais ventura, e mais belleza
 De quantas produzio a Natureza.

LIV.

Aurora rutilante,
 De quem foge assustada,
 E triste, e desmaiada a noite escura,
 Torne contigo em carro de diamante
 Do novo dia a luz serena, e pura.
 Glaura espero... ó prazer! oh! q ventura
 Para o saudoso amante!
 Aurora rutilante,
 Vestida de mil côres,
 Vem alegre animar os meus Amores.

LV.

O' Tempo ! ó triste Morte ,
 Por quem tudo se abate , e se arruina ,
 Cahe o Cedro mais forte ,
 E a soberba montanha o cóllo inclina.

O braço , que fulmina ,
 Sujeita o Mundo ao vosso horrivel corte.

O' Tempo , ó triste Morte ,
 Glaura espirou... quem julgará segura
 A flor , a tenra flor da formosura ?

LVI.

Mortal suadade , he esta a sepultura ;

 Já Glaura não existe ;

Ah ! como vejo triste em sombra escura
 O campo , que alegravão os seus olhos !
 Duros espinhos , asperos abrolhos
 Vejo em lugar das flores :

 Chorai , ternos Amores ,

Chorai comigo a infaulta desventura :

 He esta a sepultura :

Meu coração á magoa não resiste :

Glaura bella (ai de mim !) já não existe !

LVII.

O' agoas dos meus olhos desgraçados ;
 Parai, q̃ não se abrande o meu tormento:
 De que serve o lamento,
 Se Glaura já não vive? Ai, duros Fados!
 Ai, míseros cuidados! (as.
 Que vos promettem minhas magoas? ago-
 Agoas., responde a gruta,
 E a Nynfa, q̃ me escuta nestes prados!
 O' agoas dos meus olhos desgraçados ;
 Correi, correi: que na saudosa lida
 Bem pouco ha de durar tão triste vida.



Rondó

AO AUTHOR.

Toma a lyra, Alcindo amado,
 Neste prado a Glaura canta;
 Ah! levanta a voz divina,
 E me ensina a suspirar.

Para ouvir-te o Sol ardente
Fresca sombra nos procura :
O regato não murmura ,
E a corrente faz parar.

Pelos ramos tortuosos
O silencio enfrêa as aves :
Brandos zefiros suaves
Vem faldosos escutar.

*Toma a lyra , Alcindo amado ,
Neste prado a Glaura canta ;
Ab ! levanta a voz divina ,
E me ensina a suspirar.*

Se no bosque , ou nas montanhas
Ruge a onça d' ira acceza ,
Tu lhe podes a fereza ,
E as entranhas abrandar.

Doce o som dos teus accentos,
Como o mel, que a abelha cria,
Move a tosca penedia,
Onde os ventos vão quebrar.

*Toma a lyra, Alcindo amado;
Neste prado a Glaura canta;
Ab! levanta a voz divina,
E me ensina a suspirar.*

Aqui junto aos arvoredos
Deixa o palido receio,
E não temas do teu seio
Mil segredos arrancar.

Nestes campos, nestes valles
A calumnia, e o monstro fero...
Mas, ó Ceos! para que quero
Tristes males recordar.

*Toma a lyra, Alcindo amado,
Neste prado a Glaura canta;
Ab! levanta a voz divina,
E me ensina a suspirar.*

Inda os olhos mal enxutos
De sentir os teus amores,
Virão candidos Pastores
Tenros frutos te ofertar.

Virão Nynfas da floresta
Loiras, brancas, e fermosas;
E traráõ jasmims, e rosas
Para a testa te enfeitar.

*Toma a lyra, Alcindo amado,
Neste prado a Glaura canta;
Ab! levanta a voz divina,
E me ensina a suspirar.*

F I M.